

## 4

### Referências bibliográficas

#### 4.1

##### Bibliografia do autor

##### 4.1.1

##### Romances lidos ao longo do curso

ANTUNES, Antônio Lobo. Os Cus de Judas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

\_\_\_\_\_. O Manual dos Inquisidores. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. Exortação aos Crocodilos. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

\_\_\_\_\_. Que farei quando tudo arde? 2a edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2001.

##### 4.1.2

##### Crônicas citadas na dissertação

ANTUNES, Antônio Lobo. "Não foi com certeza assim mas faz de conta". In: Segundo Livro de Crônicas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

\_\_\_\_\_. "Subsídios para a biografia de Antônio Lobo Antunes". In: Segundo Livro de Crônicas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

\_\_\_\_\_. "Receita para me lerem". In: Segundo Livro de Crônicas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

\_\_\_\_\_. "Para José Cardoso Pires, ao ouvido". In: Segundo Livro de Crônicas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

\_\_\_\_\_. "Não se desce vivo de uma cruz". In: Segundo Livro de Crônicas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

\_\_\_\_\_. "Isto". In: Segundo Livro de Crônicas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

\_\_\_\_\_. "Antônio 56 1/2". In: Segundo Livro de Crônicas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

\_\_\_\_\_. "Nem tanto a terra". In: Segundo Livro de Crônicas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

\_\_\_\_\_. "Nós dois aqui a ouvir cair a chuva". In: Segundo Livro de Crônicas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

\_\_\_\_\_. "Minuete do senhor de meia idade". In: Segundo Livro de Crônicas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

\_\_\_\_\_. "Sugestões para o lar". In: Segundo Livro de Crônicas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

\_\_\_\_\_. "A coisa não é bem essa". In: Segundo Livro de Crônicas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

\_\_\_\_\_. "Boa-noite a todos". In: Segundo Livro de Crônicas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

\_\_\_\_\_. "Em caso de acidente". In: Segundo Livro de Crônicas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

\_\_\_\_\_. "Emília e uma noites". In: Livro de Crônicas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

\_\_\_\_\_. "Há surpresas assim". In: Segundo Livro de Crônicas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

\_\_\_\_\_. "Esta maneira de chorar dentro de uma palavra". In: Segundo Livro de Crônicas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

\_\_\_\_\_. "Crônica para ser lida com acompanhamento de kissanje". In: Segundo Livro de Crônicas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

## 4.2

### Entrevistas

#### 4.2.1

##### Entrevistas publicadas em livro:

BLANCO, Maria Luisa. "Tudo o que me aconteceu foi muito mais do que poderia desejar". In: *Conversas com Antônio Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

\_\_\_\_\_. "Porque se escreve? Pergunta a uma macieira porque dá maçãs". In: *Conversas com Antônio Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

\_\_\_\_\_. "Viver é como escrever sem corrigir". In: *Conversas com Antônio Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

\_\_\_\_\_. "Que me reconheçam como o escritor Antônio Lobo Antunes faz que me sinta como um usurpador". In: *Conversas com Antônio Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

\_\_\_\_\_. "Fui um estúpido porque me separei, gostando dela, para viver só e deprimido". In: *Conversas com Antônio Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

\_\_\_\_\_. "Hoje, os escritores jovens querem ser lidos na segunda-feira, ser publicados na terça, ter um êxito extraordinário na quarta e na quinta ser traduzidos em todo mundo". In: *Conversas com Antônio Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

\_\_\_\_\_. "Os personagens dos meus livros perseguem-me, é como se vivesse rodeado de fantasmas". In: *Conversas com Antônio Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

\_\_\_\_\_. "O Partido Comunista é uma Igreja, com a sua fé, as suas tradições e a sua hierarquia". In: *Conversas com Antônio Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

\_\_\_\_\_. "O suicídio é uma presença constante. Estou consciente de que essa dimensão autodestrutiva existe em mim". In: *Conversas com Antônio Lobo Antunes*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

#### 4.2.2

#### Entrevistas publicadas em jornais, revistas e televisão:

ANTUNES, Antônio Lobo. "Acho que já podia morrer". Entrevista a Adelino Gomes. In: Público de 9 de novembro de 2004.

\_\_\_\_\_. "O romance é diferente depois de mim". Entrevista a Alexandra Lucas Coelho. In: Público de 15 de novembro de 2003.

\_\_\_\_\_. "Conhecimento do autor". Entrevista concedida a Rodrigo Guedes de Carvalho, no canal SIC Notícias, em dezembro de 2003.

\_\_\_\_\_. "Quem lê é a classe média". Entrevista a Maria Augusta Silva. In: Diário de Notícias, em novembro de 2003.

\_\_\_\_\_. "Exortação ao Lobo". Entrevista a Catarina Pires e Isabel Stilwell. In: Notícias Magazine (suplemento dominical dos jornais Diário de Notícias e Jornal de Notícias), em fevereiro, 2000.

#### 4.3

#### Bibliografia teórica

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

COUTINHO, Afrânio. "Ensaio e crônica". In: COUTINHO, Afrânio & COUTINHO, Eduardo de Faria. A literatura no Brasil, v. 6. 3º ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: EDUFF, 1986.

ECO, Umberto. A função dos intelectuais. Revista Época n° 246 de 3 fev. 2003.

GANDARA. O papel do intelectual na contemporaneidade. PUC-Rio: Cátedra Padre Antônio Vieira/ Instituto Camões, 2005.

JUDICE, Nuno. "Os mapas do humano em Antônio Lobo Antunes" In: A escrita e o mundo em Antônio Lobo Antunes. Acta do Colóquio Internacional da Universidade de Évora. Organização de Eunice Cabral, Carlos J. F. Jorge e Christine Zurbach. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2004.

LOURENÇO, Eduardo. "Divagação em torno de Lobo Antunes.

MARQUES, A. H. de Oliveira. Breve História de Portugal. 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1998.

MAXWELL, Kenneth. A construção da democracia em Portugal. Tradução de Carlos Leone. Revisão de Saul Barata. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

COUTINHO Alexandre Montauray Baptista. "Crônicas de Lobo Antunes: Narrativas estilhaçadas". In: *Revista Semear* 7.

PIGLIA, Ricardo. "A leitura da ficção". In: O laboratório do escritor. Tradução: Josely Vianna Baptista. São Paulo: Ed. Iluminuras, 1994.

REIS, Carlos. Os domingos cinzentos de Antônio Lobo Antunes. Texto apresentado em conferência realizada em Lisboa pela Fundação Calouste Gulbenkian.

RIBEIRO, Margarida Calafate. Uma História de regressos: Império, Guerra Colonial e Pós-Colonialismo. Porto: Edições Afrontamento, 2004.

SÁ, Jorge de. A crônica. 3a ed. São Paulo: Ática, 1989.

ROSAS, Fernando. "O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo". *Análise Social*, vol. XXXV (157), 2001,

SANTOS, Boaventura de Sousa. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. 3a ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SEIXO, Maria Alzira. Os romances de Antônio Lobo Antunes: análise, interpretação, resumos e guiões de leitura.

Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

\_\_\_\_\_. Dicionário da obra de António Lobo Antunes. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006.

SENNETT, Richard. O declínio do homem público: as tiranias da intimidade. Trad. Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

## ANEXOS

## O PARAÍSO

Quando eu era pequeno havia duas pastelarias em Benfica. Uma por baixo da igreja, frequentada pelo proletariado do bagaço, sempre cheia de serradura e de beatas esmagadas a que chamavam Adega dos Ossos e onde me desaconselhavam ir no receio de que eu me viciasse funestamente na ginjinha e no Português Suave e acabasse os meus dias a jogar dominó, a perder à sueca e a tossir no lenço. Era um estabelecimento escuro, cheio de garrafas na parede, em cuja vitrine havia mais moscas que pastéis de nata. Para além das prateleiras de lombadas de garrafas, uma biblioteca de delirium tremens, lembro-me do empregado vesgo, de olho direito furibundo e esquerdo de uma benevolente ternura, e do senhor Manuel sacristão que ali descia entre duas missas, de opa vermelha, a comungar copos de três numa unção eucarística oculto por trás do frigorífico no receio do prior, todo ele severidade e botões desde o pescoço aos sapatos, e para quem o vinho, quando fora das galhetas, adquiria a demoníaca propriedade de tremalhar as ovelhas levando-as a preterir o rosário das seis horas a favor do vício abominável da bisca.

Paraíso de Benfica, era frequentada a seguir à missa por senhoras de devoção inoxidável, antimagnética e à prova de bala, como por exemplo (as minhas avós e as minhas tias cuja intimidade com os santos me maravilhava e que se apressaram a ensinar-me o catecismo a partir do dia em que perguntei apontando uma pagela do Espírito Santo

– Quem é este pardal?

tentando explicar-me que Deus não era pardal, era pombo, e eu imaginei-o logo na Praça de Camões a comer à mão dos reformados, o que não me parecia uma actividade muito compatível com a criação do universo.)

O Paraíso era o local que as senhoras invadiam a seguir à missa e os homens durante ela.

(Quando uma prima minha, indignada, perguntou ao marido se não ia à igreja ele respondeu com um sorrisinho óbvio

– Não preciso: estou no Paraíso. É mais fresco e tem cerveja.)

Ao contrário da Adegas dos Ossos cheirava bem, nenhum empregado era vesgo, proibia-se o dominó, a opa do senhor Manuel não fluía, clandestina, por trás do frigorífico e sobretudo os meus irmãos e eu tínhamos conta aberta para bolos e sorvetes. De início achei a conta aberta uma generosidade tão tocante que quase me fez chorar de gratidão. Compreendi depois que não se tratava propriamente de generosidade: é que aos domingos almoçávamos em casa da minha avó e a oferta de gelados e bolas de berlim destinava-se a desviar-me das nádegas rupestres da cozinheira cujos encantos eu havia começado a descobrir por essa altura. Dividido no meio de dois Paraísos igualmente celestiais hesitei meses a fio entre os duchesses e o fogão de quatro bicos.

Acabei por optar pelo fogão. Quando tempos volvidos a cozinheira se casou com um polícia

(todas as cozinheiras casavam com polícias)

e tentei regressar às bolas de berlim, a minha avó desiludida com os meus pecados havia cancelado a conta. Desesperado dispus-me

a acompanhá-la a Fátima numa excursão de viúvas para lhe reconquistar o afecto e os bolos de arroz: nem esse sacrifício heróico a comoveu. E passei a viver numa dupla orfandade insuportável da qual nenhuma queijada nem nenhum avental se interessaram até hoje em salvar-me.

## OS SONETOS A CRISTO

Nas entrevistas, que são para mim a forma de interrogatório mais assustadora do mundo por me enfiarem um gravador na boca e me ordenarem que possua ideias e opiniões gerais, que são coisa que nunca tive, a conversa acaba por guinar inevitavelmente para a pergunta calista: Como começou a escrever? à qual já devo ter dado pelo menos umas 300 respostas diferentes, das que suponho inteligentes às que presumo irónicas sem nunca ter sido sincero. A verdade é que comecei a escrever aos 13 anos devido a dolorosas necessidades materiais como podia haver-me especializado em impingir pensos rápidos no café ou exibido atestados de tuberculose nos semáforos na esperança de comover a generosidade alheia.

Na altura afigurou-se-me mais fácil comover a minha avó. Em primeiro lugar por receio de que a minha família não visse com bons olhos o primogénito a circular de mesa em mesa nas pastelarias propondo consolo para as unhas encravadas e em segundo lugar porque me era difícil tossir convincentemente sobre meia folha de papel selado que garantia que eu cuspi a alma no Sanatório do Lumiar. O ca-

Português Suave por dia e eu à época achava-me reduzido a um Chesterfield ocasional roubado à minha mãe e chupado à janela da casa de banho no pavor de me surpreenderem nesse acto pecaminoso que se traduzia em tonturas, lágrimas nos olhos e muita pasta de dentes a seguir para tirar o cheiro.

Foi então que me surgiu a ideia luminosa dos Sonetos a Cristo. Os Sonetos a Cristo salvaram-me da miséria. Devo-lhes ter tido dinheiro para pastilhas elásticas, segundos balcones no Éden, garotos na Adega dos Ossos, bolos de arroz nos intervalos do liceu e livros em segunda mão da Editorial Minerva com abomináveis traduções de Máximo Gorki que eu considerava um escritor sublime e cujos parágrafos mal impressos se me pegavam aos dedos contando infâncias pobres e tristes, suportadas com rebeldia heróica em torno de um samovar

(durante séculos presumi que samovar era o equivalente russo da cimitarra de Salgari que eu também não sabia o que era mas o parentesco incompreensível bastava-me.)

Os Sonetos a Cristo elaborados à média de um por semana tratavam, em duas quadras e dois tercetos rimados e contados, de episódios da breve existência terrena do Filho de Deus. Nas quadras eu desfalecia um bocado mas dava o dó de peito nos tercetos com a introdução de uns tantos judeus maldosos e de uns romanos de capacete muito dados a espetarem lanças nas pessoas, e em geral acabava com uma agonia no calvário, com um ladrão de cada lado a ampararem o Senhor como os elefantes de marfim amparavam livros encadernados nos terceiros andares da Visconde de Valmor.

Composta a tragédia passava-a a limpo em papel de carta cor-de-rosa com pombinhos no canto, enfiava-a no bolso, tocava à campainha da minha avó com um ar pesaroso de catástrofe iminente e quando ela, preocupada, me convocava para o quarto a fim de se inteirar da desgraça que me acontecera

(a desgraça era o meu forte e a minha avó dedicava boa parte da vida a pensar-me se seria)

encostava-me ao oratório onde a corte celeste se achava representada em talha, barro, bronze e materiais menos nobres, extraía o soneto da algibeira e declamava-o o mais cavamente que podia revirando pálpebras de mártir. A minha avó convencida que o neto preparava uma carreira de arcebispo, abria o cofre que não sei porquê andava sempre junto dos santinhos e premiava-me a devoção com o equivalente a uma lateral no Estádio da Luz e a um bagaço clandestino na Adega dos Ossos bebido virilmente entre engasgos e espirros.

Acho que aquilo que escrevi a seguir e que apenas comecei a publicar depois da sua morte se lhe dirige ainda. E sempre que o editor me entrega um dos primeiros exemplares do novo romance é na minha avó que penso. Não sei se gostará dos meus livros como nunca soube se gostava dos Sonetos a Cristo mas tenho esperança de que me dê 20 escudos por eles e sobretudo o beijo que acompanhava a nota e que desde que ela se foi embora nunca mais recebi.

## UMA CARTA PARA CAMPO DE OURIQUE

Ontem fui ver a casa, Ana. Quer dizer, eu sabia que já não havia a casa mas insisti em ir a Campo de Ourique mesmo assim. Você sabe: a casa dos meus pais por trás da igreja, a vivendinha de dois andares em cujo jardim costumávamos brincar ajoelhados no trevo dos coelhos, perto da gaiola da rede ao fundo do quintal onde os olhos, as orelhas e os focinhos deles tremiam. Aliás quando me lembro da casa é sobretudo isso que recordo: uma silenciosa agitação de sombras na gaiola encostada ao muro sob a nespereira sáfara, pupilazinhas vermelhas, pálpebras que me espiam, que nos espiam, secretas, da infância.

Onde era a casa e a casa ao lado

(a do coronel de artilharia, aquele senhor muito alto amparado a uma bengala como um pedaço de vento que se esqueceu de soprar)

é um minimercado agora no qual as viúvas de Campo de Ourique compram sabão, detergentes, caramelos, dúzias de viúvas empurrando os seus carrinhos por veredas de fraldas e compotas, mas eu continuo a supor que a nossa casa existe de forma que entro no minimercado, coloco uma moeda de cinquenta escudos na ranhura, separo por meu

turno um carrinho dos carrinhos encaixados uns nos outros numa longa fila expectante e como se fosse eu também uma viúva

(os homens podem ser viúvas não é verdade Ana? principalmente os homens da minha idade assim grisalhos, assim calados, assim tão sem esperança como a chuva num pátio)

caminho por ruazinhas de flocos de aveia, caramelos, iogurtes, do mesmo modo que caminhava dantes sem peso pelos compartimentos da casa, através das ilhas de luz que a hora da sesta semeava nos tapetes.

Tão estranho não ter casa, Ana. Não nos vemos há tanto tempo, deixámos há tanto tempo de falar que você não sabe, não pode saber, onde moro: basta que lhe diga que para chegar a Campo de Ourique necessito de tomar três autocarros diferentes, deixando-me o último bastante longe da vivenda junto do cemitério e dos seus gladiolos tão brancos. Mas todos os domingos venho aqui. Preciso de voltar a casa mesmo que não exista a casa, mesmo que tenha de empurrar um carrinho pelos ladrilhos do minimercado e de comprar o orégão, a salva e os rebuçados de menta que não preciso para que os empregados não entendam quem sou, para que não percebam o que venho fazer, para que não escutem o leve, teimoso, persistente, suave rumor do passado que me persegue e acompanha, para que não dêem fé dos coelhos na gaiola de rede a devorarem o trevo debaixo de um ramo de nespereira. Detestaria que dessem fé dos coelhos. Como detestaria que notassem o retrato dos meus pais acolá, no sítio de sempre, sobre um tampo de cómoda que se transformou numa pilha de garrafas, etiquetas de cerveja e concentrado de laranja.

Às vezes dá-me a sensação de que é isso e não o fiambre ou o leite ou os chocolates que as viúvas de Campo de Ourique transportam nos carrinhos metálicos, dá-me a sensação de serem fotografias, objectozinhos, casaquitos de lã, o relógio de ouro do meu avô na sua redoma de vidro, dá-me a sensação que pagam na caixa o meu passado, que

neira se alimentam do que fui, do que fomos: passeios de bicicleta até à Ajuda, noites de sexta-feira no cinema, sabor de bombons de tangerina, um morto enorme, de sapatos de verniz, no quarto lá de cima.

Que estranhas estas viúvas, Ana: todas de negro, com um chapelito de véu na cabeça, caminhando em fila num trote miúdo, carregando em sacos de plástico o que me pertence, o que durante anos sem fim me pertenceu. Daqui, de onde lhe escrevo

(uma leitiazinha modesta perto da nossa casa com um televisor apagado em cima de latas de biscoitos)

olho o minimercado que a última delas abandona e sei que se entrar, se introduzir uma moeda de cinquenta escudos na ranhura, separar um carrinho e me dirigir com ele para as avenidas de latas de molho de tomate e pão de forma, encontrarei dúzias e dúzias de coelhos mastigando, à falta de trevo, os desenhos da carpete, numa casa em que a ausência se multiplica nos compartimentos sem ninguém. A empregada da caixa, sem os ver, lê uma fotonovela encostada ao balcão.

É passearei por entre as prateleiras em busca de um odor que não há, apanharei o autocarro na paragem junto ao cemitério e regressarei ao apartamento em que moro a fim de terminar esta carta, a colocar no envelope, e permanecer a olhar a parede fronteira séculos a fio, como sem que você se desse conta olhava o seu perfil ao meu lado na tarde em que fomos ao teatro e eu quis dizer que gostava de si e nunca fui capaz.

## OS POBREZINHOS

Na minha família os animais domésticos não eram cães nem gatos nem pássaros. Na minha família os animais domésticos eram os pobres. Cada uma das minhas tias tinha o seu pobre pessoal e intransmissível, que vinha a casa dos meus avós uma vez por semana, buscar com um sorriso agradecido a ração de roupa e de comida.

Os pobres, para além de serem obviamente pobres

(de preferência descalços para poderem ser calçados pelos donos, de preferência rotos para poderem vestir camisas velhas que se salvavam desse modo de um destino natural de esfregões, de preferência doentes a fim de receberem uma embalagem de aspirina)

deviam possuir outras características imprescindíveis: irem à missa, baptizarem os filhos, não andarem bêbedos e sobretudo manterem-se orgulhosamente fiéis à tia a quem pertenciam. Parece que ainda estou a ver um homem de sumptuosos farrapos, parecido com o Tolstoi até na barba, responder ofendido e soberbo a uma prima distraída que insistia em oferecer-lhe uma camisola que nenhum de nós queria

– Eu não sou o seu pobre eu sou o pobre da menina Teresinha.

te. No Natal e na Páscoa as tias reuniam-se em bando armadas de fatias de bolo-rei, saquinhos de amêndoas e outras delícias equivalentes e deslocavam-se piedosamente ao sítio em que os seus animais domésticos habitavam, isto é um bairro de casas de madeira da periferia de Benfica, nas Pedralvas e junto à estrada militar, a fim de distribuírem numa pompa de reis magos peúgas de lã, cuecas, sandálias que não serviam a ninguém, pagelas de Nossa Senhora de Fátima e outras maravilhas de igual calibre. Os pobres surgiam das suas barracas alvoroçados e gratos e as minhas tias preveniam-me logo enxotando-os com as costas da mão

– Não se chégue muito que esta gente tem piolhos.

Nessas alturas, e só nessas alturas, era permitido oferecer moedas aos pobres, presente sempre perigoso por correr o risco de ser gasto (– Esta gente coitada não tem a noção do dinheiro)

de forma deletéria e irresponsável. O pobre da minha tia Carlota, por exemplo, foi proibido de entrar em casa dos meus avós porque quando ela lhe meteu dez tostões na palma, recomendando, maternal, preocupada com a saúde do seu animal doméstico

– Agora veja lá não gaste tudo em vinho  
o atrevido lhe respondeu malcriadíssimo

– Não minha senhora vou comprar um Alfa Romeo.

Os filhos dos pobres definiam-se por não irem à escola, serem magrinhos e morrerem muito. Ao perguntar as razões destas características insólitas foi-me dito com um encolher de ombros

– O que é que o menino quer esta gente é assim

e eu entendi que ser pobre, mais que um destino, era uma espécie de vocação como ter jeito para jogar bridge ou para tocar piano.

Ao amor dos pobres presidiam duas criaturas do oratório da minha avó, uma em barro e outra em fotografia, que eram o Padre Cruz e a Sãozinha, as quais dirigiam a caridade sob um crucifixo de mogno. O Padre Cruz era um sujeito chupado, de batina, e a Sãozinha uma

ma das pastilhas elásticas, que me informaram ter oferecido exemplarmente a vida a Deus em troca da saúde dos pais. A actriz bateu a bota, o pai ficou óptimo e a partir da altura em que me revelaram este milagre tremia de pânico que a minha mãe, espirrando, me ordenasse

– Ora ofereça lá a vida que estou farta de me assoar

e eu fosse direitinho para o cemitério a fim de ela não ter de beber chás de limão.

Na minha ideia o padre Cruz e a Sãozinha eram casados tanto mais que num boletim que a minha família assinava, chamado Almanaque da Sãozinha, se narravam em comunhão de bens os milagres de ambos, que consistiam geralmente em curas de paráliticos e vigésimos premiados, milagres incredivelmente acompanhados de odores dulcíssimos de incenso.

Tanto pobre, tanta Sãozinha e tanto cheiro irritavam-me. E creio que foi por essa época que principiei a olhar com afecto crescente uma gravura poeirenta atirada para o sótão que mostrava uma jubilosa multidão de pobres em torno da guilhotina onde cortavam a cabeça aos reis.

## A EXISTÊNCIA DE DEUS

A existência de Deus não preciso que ma provem como aquele padre ontem na televisão de caneta em riste, sério, acusador, definitivo. Não preciso que ma provem porque conheço Deus desde que nasci, ainda antes do catecismo, ainda antes das aulas de moral do liceu, ainda antes de ser menino de coro. Daí para cá mudou um pouco, mas o Deus de eu pequeno era um senhor de idade, cerca de sessenta anos, barba comprida e cabelo branco comprido também, como na época em que mo apresentaram só Walt Whitman e o D. João usavam. O D. João

(falo dele num romance)

andava à chuva nas ruas de Nelas, Beira Alta, vestido de farrapos, amparado a uma bengala a proclamar que era imperador de todos os reinos do mundo, o que me parecia absolutamente natural visto ter sido ele que criara o Universo. Hoje os tempos são outros e para além de Walt Whitman e do D. João há imensas pessoas parecidas com Deus nas tasczinhas de artistas

(Gide espantava-se sempre de haver mais artistas do que obras de

do Bairro Alto em geral acompanhados por mulheres feiússimas. Escrevem versos em edições de autor e têm mau perder após o segundo copo. O Deus da minha infância não frequentava restaurantes nem escrevia versos: habitava um casarão enorme chamado igreja, em contencioso com a EDP por nunca haver luz eléctrica, só castiçais de velas cujas chamas se inclinavam a tremer na direcção dos guarda-ventos. Uma das primeiras coisas que me explicaram foi que Deus amava os pobres os quais em morrendo seguiam direitinhos em flecha para o Céu, o que não impedia que em vida não lhes ligasse grandemente: os pobres ajoelhavam-se nas lajes ou, com sorte, em bancos corridos de pau que magoavam os ossos, ao passo que os ricos, condenados a seguir ao último suspiro a um estágio de queimaduras do segundo grau no barbecue do Purgatório, tinham cadeiras almofadadas com uma chapinha com o nome do proprietário nas costas. Mesmo que os ricos estivessem destinados a sofrer o seu pedaço com o churrasco que antecedia o Paraíso, nunca compreendi muito bem esta segregação social que o chefe da repartição de Deus, o prior, aumentava ao promover aos domingos uma missa às sete da manhã para as criadas e outra ao meio-dia para os patrões. Julgo que na missa das criadas se falava das maravilhas que as esperavam no Céu, que eu imaginava cheio de caramelos e automóveis de pedais, e contudo nunca nenhuma se mostrou especialmente entusiasta quando lhes perguntava se queriam dar uma volta no meu. Talvez preferissem bem-aventuranças que não compreendia bem em que podiam consistir e acerca das quais o padre parecia melhor informado do que eu, pois assim que tocava a campanha elas precipitavam-se para a porta a recebê-lo e quando os meus pais não estavam conversavam com ele, do Paraíso, no fundo do jardim, mandando-me embora se me aproximava para me impedirem de conhecer em pormenor as delícias que Deus lhes destinava.

A mim o que desde logo me disseram foi que Deus detestava essencialmente três coisas, todas elas conducentes ao Inferno em consequência da sua gravidade indecível: não comer a sopa após o fim

arreliar as tias e chamar nomes à cozinheira. Como o chofer não incorria em qualquer destes abomináveis pecados

(comia como um alarve, desbarretava-se em vénias diante das meninas e em lugar de insultar a cozinheira tinha o hábito de passar a mão elogiosa pelas nádegas da dita)

e além disso não era rico, invejei-o anos a fio pelos reбуçados Heller de hortelã-pimenta que havia de chupar, regalado, enquanto eu penava num espeto que sujeitos de pé de cabra faziam girar, transformado em frango da cervejaria Prego de Oiro, enquanto os meus irmãos rodopiavam nos espetos vizinhos por terem partido um vidro da sala ao jogar futebol, que era o quarto pecado na lista que nos foi apresentada entre caretas de ameaça e indicadores tenebrosos. De resto os adultos não pecavam porque não partiam vidros, lavavam as mãos antes de se sentarem à mesa

(Deus adorava as pessoas que lavavam as mãos antes de se sentarem à mesa)

e iam à missa com livros grossíssimos cheios de pagelas lá dentro, com os retratos de bisavós e trisavós com uma cruz em cima. As criadas possuíam apenas uns caderninhos sem retratos

(os pobres não têm avós)

terços de contas de vidro em lugar de contas de marfim, e creio que não ofereciam no peditório os cinco escudos que lhes eram entregues para o efeito, esbanjados em laranjadas nos bailes do Futebol Benfica que de acordo com a minha avó constituíam a antecâmara do Inferno. A única criada que nunca desejou ir aos bailes do Futebol Benfica já tinha morrido, estava no Céu, chamava-se Santa Zita

(não lhe passara pela cabeça a tremenda arrogância de ser Ana, Teresa ou Isabel)

e contudo, apesar de toda a sua virtude, duvido que se fosse lá a casa a deixassem ficar à mesa connosco. O mais natural era que lhe conferissem o estatuto intermédio das costureiras que comiam na sala

lhariam, aliás, com toda a corte divina, porventura com a excepção da Rainha Santa que talvez soubesse pegar como deve ser no garfo e na faca, o que me levava a pensar que o Paraíso era uma espécie de Casa do Povo, cheia de jardineiros e mulheres-a-dias, todos de palito nos dentes e cotovelos na toalha, e nunca entendi o motivo que levava a minha família a querer que eu fosse membro daquela possidoneira pegada. Ainda por cima quando lá chegasse já eles tinham metido as trouxas de ovos e os rebuçados Heller nos sacos de plástico que os pobres levam sempre aos almoços de casamento para se regalarem em casa durante o folhetim radiofónico. Talvez a minha família achasse que eu me sentiria bem no meio de naperons, fotografias de bombeiros e bambis cromados, e que gostaria de ter o nome de Edgar. Não é inteiramente verdade mas as terrinas da Companhia das Índias nunca me disseram grande coisa e as meninas com que me obrigavam a brincar transformaram-se numas chatas pavorosas. E assim hoje, entre o Céu e o Inferno, hesito na escolha. Começo a suspeitar que a solução é não cair na asneira de morrer.

## A PRAIA DAS MAÇÃS

E então no princípio de agosto íamos para a Praia das Maças. Tudo começava como a partida, em sobressalto de fuga, de aristocratas russos a seguir à revolução de dezassete: tiravam-se os reposteiros e as cortinas, enrolavam-se os tapetes, cobriam-se os sofás de lençóis brancos, desprendiam-se os quadros das paredes que mostravam rectângulos mais claros pendurados de grampos, embrulhavam-se os castiçais, os talheres, os bules e as salvas de prata em jornais, a casa aumentava de tamanho e os sons ganhavam a amplitude de explosão de passos em garagem à noite, vinha uma camioneta carregar frigorífico, bagagem e criadas que seguiam logo de manhã, antes de nós, para o exílio das férias, e à tarde os meus pais embarcavam as crias que lutavam no banco de trás por um lugar à janela, entre lágrimas, pontapés e queixinhas, excepto o meu irmão mais novo que de pé no assento com o babete ao pescoço e um Pluto de borracha apertado no peito ia acenando adeuses, de Benfca a Sintra, aos automóveis que nos seguiam.

Depois de Colares os adeuses tornavam-se impossíveis por culpa do nevoeiro: percebiam-se a custo telhados de chalés e cumes vagos de

no chapéu. A minha irmã deixou por completo de fazer crochet e eu esqueci-me da colecção de selos. Foi então que resolvemos apanhar o autocarro para Lisboa.

Há quatro dias que tomamos galões e comemos bolos de arroz nas leitarias da Praça do Chile, há quatro dias que pusemos um anúncio no jornal para vender a casa. A única coisa que nos custa é pensarmos que os palhaços se esqueçam de pôr o gato de gesso bem no centro da mesa. Nunca nos havíamos de perdoar se com os estremeções das carruagens ele caísse no chão e se quebrasse. A nossa mãe adorava aquele bicho. Mas como eu digo à minha irmã havemos de vender a casa. Pode ser que haja um comprador que ao chegar lá cima, depois de aprovar a saleta, os quartos, a cozinha e a pia, não se incomode de encontrar um sujeito de saxofone e farripas cor de laranja a chorar em silêncio entre os gerânios.

## MANUAL DE INSTRUÇÕES

Aos cinquenta anos, que é quando se começa a confundir a saúde com a virtude, o bom senso parece-me uma espécie de dieta cuja ausência de sal me desagrada. Até agora fugia das praias, por não poder ir mais longe do que os cremes de bronzear com mulheres dentro e os guarda-sóis de uma terceira idade que ainda não é a minha, onde os sexagenários vêm morrer na areia numa desilusão de cachalotes sem esperança, guardados por esposas que os alimentam de sanduíches de paio e de jornais desportivos.

Actualmente as praias deixaram de me interessar porque me apetece, de facto, ir embora, não daqui mas do que tenho sido, ou seja do medo de uma cadeira vazia do outro lado da mesa do almoço, com uma jarra de flores de plástico a substituir um sorriso que se inquieta com as nossas alterações de humor e nos recomenda uma visita ao dentista, tomando pelo mal estar de uma cárie o desgosto de nós mesmos que nos faz arrastar de sofá em sofá essa espécie de reumatismo da alma que as porteiras e os psiquiatras confundem com a tristeza.

Apetece-me ir embora se bem que uma visita a um supermercado, feita a pé, ao meio dia, não me parece mais nem tão ruim nem tão interessante, pelo menos

corredores de latas e de frascos, sempre prontos a desabarem sobre mim bolachas de chocolate, salsichas de conserva e iogurtes sortidos, têm uma caixa registadora a tilintar ao fundo um minuete de trocos que me empalidece a solidão. Mas é possível abastecer-me nas merceariaszinhas de bairro, que prolongam a província na cidade com o odor agriçoce do bigode da patroa e uma desarrumação de celeiro em que redescubro a minha infância, esquecida nos granitos de uma Beira perdida.

Apetece-me viver como um estudante sem família numa Lisboa apertada entre a Almirante Reis e a Pascoal de Melo igual a uma rapariga a ler de cabeça entre as mãos. Não serei um senhor idoso como esses que hibernam o dia inteiro e não dormem de noite mas um adolescente de cabelos brancos entregue, sozinho em casa, a essa atmosfera de aventura que alegra a existência dos homens quando se dedicam ao que decidiram ser trabalhos de mulher.

Talvez que em Santa Apolónia, para além dos comboios que chegam, existam alguns comboios que partam, e Tomar, por exemplo, me continue a oferecer a amplidão de um futuro que teimei, desde que de lá saí, em reduzir às proporções de um presente esquelético que os romances iluminam de uma claridade de azeite de ampolas de hospital, sol de doentes que não aquece nem exalta.

O meu drama consiste em ter demorado tempo demais a entender que os verdadeiros fantasmas são os vivos e em descobrir, no espelho da manhã, uma cara parecida com a dos meus retratos que me pedia o que tinha medo de lhe dar. Talvez agora, por baixo do sabão da barba, ela responda com um sorriso ao meu sorriso, talvez desapareça do vidro quando me for embora, mais jovem do que estas rugas que lhe encontro, tão incompreensíveis e definitivas como uma receita de médico, que os farmacêuticos traduzem em pastilhas e xaropes à laia de quem troca escudos por moeda estrangeira de acordo com um câmbio misterioso.

enferrujam imóveis nos carris abandonados, habitados por ervas e pedintes. Sento-me a um canto, entre dois bêbedos de vinho esfarrapado e apeio-me em Lisboa com os primeiros candeeiros da noite.

Se tiver um pouco de sorte hei-de encontrar a cara do espelho à minha espera. Se não, não vou desesperar: recuperá-la-ei num reflexo de montra e viremos juntos para casa jantar frente a frente, sem presságios nem remorsos, livres da dieta do bom senso que nos tirou o gosto aos dias e sem a necessidade de uma jarra de flores de plástico para nos defender da solidão.

e sento-me no quintal das traseiras até ser noite e sem chorar, claro, não sou tão parvo que comece a chorar, que mariquice chorar, eu não choro, não penses que choro, não choro, sento-me no quintal das traseiras até ser noite a dar milho às galinhas, a dar milho às galinhas, a dar milho às galinhas.

## TEORIA E PRÁTICA DOS DOMINGOS

Porque são os domingos tão compridos Filomena? Não tenho de estar às nove na Companhia, não tens de estar no infantário às oito e meia, levantamo-nos mais tarde, tomamos o pequeno-almoço no café, compramos os jornais, alugamos dois filmes no clube de vídeo

(um policial como eu gosto, um romântico como tu preferes)

ninguém dá ordens, ninguém nos exige nada, ninguém nos aborrece, e no entanto porque são os domingos tão compridos Filomena, por que motivo é sempre a mesma hora no relógio, por que razão me apetece tanto qualquer coisa que nem sei o que é em vez de ficar contigo? Eu que gosto de ti, palavra, devia sentir-me bem e não sinto, não é mal estar, não é angústia, é uma sensação vaga, um desconforto, uma inquietação que não entendo e todavia não me concebo sozinho, não me concebo sem ti, gosto da tua cara, do teu corpo, casei contigo por amor, porque são os domingos tão compridos Filomena?

Não tem que ver com o bairro, o bairro agrada-me, não tem que ver com o apartamento, três assoalhadas chegam e sobejam e ainda temos a marquise, a vista, Queluz, o rio, os barcos, se nos apetecer vamos a Sintra ou a Cascais, ao cinema de Arruadas, vamos alhar os

lojas, vamos ao Cacém jogar às cartas com o teu irmão e a mulher, o teu irmão espojado no sofá, de barba por fazer, de mão no queixo, aborrecidíssimo, a mudar de canal e a comer pipocas de um balde de cartão e a mulher na cozinha a enxotar os filhos e a passar camisas a ferro. Para eles os domingos também serão compridos Filomena? Tu enfiás-te na cozinha a conversar, eu aceito pipocas e folheio os retratos do cruzeiro que fizeram em agosto a Tânger

(pessoas sorridentes a jantarem de copo de vinho no ar, um baile a bordo, o teu irmão com um chapéu esquisito na cabeça de braço dado com um árabe de bigode)

o teu irmão para mim, a apontar as fotografias e a mudar para o desporto

– Chateei-me como um urso Alfredo

tu da cozinha

– Dá aqui um pulo amor

para me mostrares o micro-ondas novo, me mostrares um aparelho eléctrico de moer não sei quê

– Em novembro com o subsídio de Natal comprávamos um assim amor

o teu irmão lá de dentro, de boca atulhada de pipocas

– Estão a dar o ténis Alfredo

o apartamento deles é metade do nosso, uma cave, diante de uma churrascaria, com os frangos no espeto a entrarem, pingando molho, pela janela da sala, os frangos que parecem senhoras gordas nuas de joelhos no peito e eu a pensar no comprimento dos domingos Filomena, primeiro que passe das quatro horas da tarde é uma eternidade, é um martírio e não entendo porquê dado que gosto de ti. nem sequer sou infeliz, não sou infeliz, palavra, é uma coisa estranha. um aperto, uma aflição incomodada, não percebo o que quero mas percebo que não é isto que quero, este túnel de horas, esta poltrona óptima durante a semana e desconfortável ao domingo onde não consigo sentar-me, onde não encontro posição. E às estações, um dia, um dia

em Massamá, a tua mãe aborrecidíssima a mudar de canal e a comer pipocas, a cadela quase cega a ladrar-me aos tornozelos, o teu pai, tremendo de entusiasmo por cima da bengala que lhe serve de coluna vertebral desde que lhe deu o ataque, o teu pai de avental, radiante

– Fui eu que fiz a sopinha fui eu que fiz a sopinha.

Às dez da noite, de Massamá a Queluz é um instante. Há sempre lugar para arrumar o carro na esquina logo a seguir ao talho, as árvores recomeçam a ficar bonitas com a segunda-feira a aproximar-se, os ponteiros do relógio principiam a girar, a ideia de voltar para a Companhia que me há-de deprimir a partir de terça-feira entusiasma-me, a sala tornou-se de repente gira, os vasos de flores, os bambus, o quadro da preta com a criança às costas, torno a ter vontade de te dar a mão, de te beijar, talvez que te faça a surpresa de comprar o aparelho de moer para os teus anos. A lavar os dentes, de pijama, com os pés descalços encolhidos por causa do frio dos azulejos, oiço-te da cama

– Alfredo

e esqueço-me dos domingos, do comprimento dos domingos, do desconforto, da inquietação, do incómodo, deito-me ao teu lado o mais depressa que consigo com a escova dos dentes na boca, o Júlio Iglesias toca baixinho no rádio do despertador, compreendo com muito mais força que te amo, compreendo que te amo para sempre e que pode ser que consigamos sobreviver às pipocas do Cacém, à sopinha de Massamá e aos relógios imóveis, consigamos sobreviver às lojas das Amoreiras e aos cruzeiros a Tânger. Afinal de contas só há um domingo por semana não é, o que é preciso é meter na ideia que só há um domingo por semana, só há um domingo por semana Filomena, a miséria de um domingo de nada por semana. Gosto da tua camisa de dormir de rendas, gosto daquilo a que cheira o teu pescoço, gosto das tuas pernas a enrolarem-se nas minhas. O micro-ondas da tua cunhada não é assim tão caro

– Uma pechincha amor

um insignificante domingo por semana e seis enormes dias inteiros

## A SOLIDÃO DAS MULHERES DIVORCIADAS

Aos fins-de-semana quando não saio com a minha prima Bé fico em casa a ver televisão. Ver televisão quer dizer regar as plantas da marquise, ler o horóscopo nas revistas, desfazer o tricot do domingo anterior, mudar de canal de vinte em vinte segundos e pensar em matar-me. O problema é que assim que me levanto para tomar os lexotans todos de uma vez a minha mãe telefona de Alcobça a saber como estou, oiço-lhe os gritos no atendedor de chamadas

(a minha mãe que tem um medo danado dos telefones sempre falou aos gritos)

e como não é possível a gente suicidar-se e conversar com a mãe ao mesmo tempo, desisto das pastilhas e garanto-lhe que estou óptima, não tenho febre, fumo no máximo três cigarros por dia, como bem, não emagreci

(– De certeza que não emagreceste?)

para a semana visito-a em Alcobça sem falta e qualquer dia, palavra, encontro um rapaz como deve ser

(– Não acredito que não haja um rapaz como deve ser no teu em-

torno-me a casar, desligo o telefone com um tal cansaço e uma tal dor de cabeça que a única coisa que tenho vontade é de um aspegic e silêncio, deixei de ter ganas de me suicidar visto que uma pessoa não consegue matar-se se estiver mal disposta.

Nos fins-de-semana em que saio com a minha prima Bé vamos à Loja das Meias e à Escada sonhar com blazers de caxemira

(– Pode ser que com o subsídio de Natal lá chegue)

e casacos compridos, chateamo-nos como peruas nos filmes que os jornais gostam, encontramos-nos num bar com colegas da escola dela que descobriram na semana passada um restaurante italiano baratíssimo em Alcântara e já me sucedeu acordar aos domingos de manhã num apartamento de Campo de Ourique ou do Beato ao lado de professores de matemática com iogurtes fora do prazo no congelador, um chinelo esquecido no bidé e um cinzeiro de folha a transbordar beatas no soalho, junto de uma chávena de café quebrada.

Incapaz de tomar banho num chuveiro em que faltam o sabonete e a água para além de se achar ocupado por um montão de jornais velhos, volto a toque de caixa para o Lumiar sem me despedir do barbu-do que ressona de queixo na almofada

(– Não acredito que a Bé não conheça um rapaz como deve ser não acredito que a Bé não conheça um rapaz como deve ser)

com um ombro fora do pijama descosido e adormeço até que os gritos de Alcobaça me acordam, de coração aos pulos, para inquirirem no atendedor de chamadas se não tenho abusado dos fritos.

Não abuso dos fritos, não abuso do tabaco, não abuso do álcool, não abuso do sexo, não abuso de nada mãe: oiço crescer o pêlo da alcatifa, mudo de vinte em vinte segundos a televisão de canal e leio o meu horóscopo na penúltima página dos magazines femininos a seguir ao caderno da moda e a um artigo que explica como um cinto de ligas e uns sapatos vermelhos poderiam mudar a minha vida afectiva. Com um cinto de ligas os iogurtes fora do prazo desapareceriam do

nais? O meu horóscopo para esta semana, dividido como sempre em três partes, Saúde (cuidado com o fígado!), Finanças (atenção às despesas excessivas!) e Amor, prevê para quarta-feira, no que respeita a paixões, um encontro inesperado que me alterará para sempre a existência. Quarta-feira foi ontem e o encontro inesperado que tive consistiu em esbarrar com o meu ex-marido no metropolitano: deixou crescer o bigode, vinha acompanhado por uma mulata com metade da idade dele e nem sequer me viu. Ter-me-á visto alguma vez?

Em todos os canais de televisão passam novelas brasileiras. Oiço a chuva de outubro contra os vidros e o casal do andar de cima a gemer ao ritmo da cama. Se me levantar para tomar os lexotans todos a minha mãe vai desatar aos gritos no atendedor de chamadas, de maneira que o melhor é ficar quietinha no sofá a olhar as plantas e o retrato do meu sobrinho bebé sem pensar no suicídio. Para quê?

Durante seis meses poupo nos almoços

(uma bica, um croissant e um pastel de bacalhau)

comidos em pé ali no Centro, compro o blazer da Escada e uns sapatos vermelhos, a colega que vende ouro no escritório prometeu baixar-me as prestações do anel e passo o serão sozinha, de blazer, sapatos e cachucho, lindíssima, a mudar de canal e a ouvir o pêlo da alcatifa crescer.

## A PROPÓSITO DE TI

Somos felizes. Acabámos de pagar a casa em outubro, fechámos a marquise, substituímos a alcatifa por tacos, nenhum de nós foi despedido, as prestações do Opel estão no fim. Somos felizes: preferimos a mesma novela, nunca discutimos por causa do comando, quando compras a TV Guia sublinhas a encarnado os programas que me interessam, lembras-te sempre da hora daquela série policial que eu gosto tanto, com o preto cheio de anéis a dar cabo dos italianos da Mafia.

Somos felizes: aos domingos vamos ao Feijó visitar a tua mãe, ficas a conversar com ela na cozinha e eu passeio com o indiano, filho de uma senhora que mora lá no pátio, assistimos ao basquete dos sobrinhos dele no pavilhão polivalente, comemos uma salada de polvo no café durante os resumos do futebol e voltamos para Almada à noite, com o jantar que a tua mãe nos deu numa marmitta embrulhada no Record, a tempo de assistir às perguntas sobre factos e personalidades, do concurso em que a apresentadora se parece com a tua prima Beatriz, a que montou um pronto-a-vestir no centro comercial do Prior Velho.

o cão no mês passado e foi por causa do cão que tirámos a alcatifa que as unhas do animalzinho raspavam de tal forma que já se notava o cimento do construtor por baixo. Andámos a ensiná-lo a não estragar as cortinas, pusemos-lhe uma coleira contra as pulgas depois de uma semana inteira a coçarmo-nos sem entender porquê, passados dois dias o Fernando começou a coçar-se também e a acusar-me de cheirar a cachorro e levar pulgas para a repartição, o chefe avisou-me do fundo

— Veja-me lá isso Antunes

de modo que pus também uma coleira contra as pulgas debaixo da camisa, o Dionísio, espantado

— Deste em cónego ou quê?

e eu, envergonhado, a abotoar o colarinho

— É uma coisa chinesa para o reumatismo, a Jóia Magnética Vitafor é uma porcaria ao pé disto

e como nas Finanças se respeitam o reumatismo e as coisas chinesas, nunca mais me maçaram.

Às segundas, quartas e sextas sou eu que vou lá abaixo levar o cão a fazer chichi contra a palmeira, às terças, quintas e sábados é a tua vez e o que não vai lá abaixo fica à janela, a olhar o bichinho a cheirar os pneus dos automóveis com o ar sério de quem resolve problemas de palavras cruzadas que os cães têm sempre que farejam postes e Unos.

Somos felizes. Por isso não me preocupei no sábado com o animal muito entretido na praceta e tu atrás dele, de trela enrolada na mão, sem olhares para cima nem dizeres adeus, a andar devagarinho até desapareceres na travessa para a estação dos barcos. Foi anteontem. Às onze horas tirei o cozido do forno e comi sozinho. Ontem também. Hoje também. Não levaste roupa nem pinturas nem a fotografia do teu pai nem nada.

Ainda há bocadinho acabei de gravar o episódio da novela para ti. A tua mãe telefonou a saber porque é que não fomos ao Feijó e eu dis-

foste embora visto sermos felizes. Tão felizes que um dia destes vou comprar um micro-ondas para, se chegares a casa, teres a comida quente à tua espera.

## EMÍLIA E UMA NOITES

Esta crónica era para ser outra coisa mas sucede que de repente, ao principiar a escrever, Angola me veio com toda a força ao corpo. Desculpem: ia dar-voç uma história que se chamava Emília e uma noites e Angola, sem eu saber porquê, veio-me com toda a força ao corpo. Não sei explicar bem: já não me acontecia há muitos anos, julgava-me livre, julgava-me numa certa paz e estou a mexer a mão sobre o papel com tanta pressa e tanta raiva eu que faço tudo devagar, principalmente desenhar palavras, eu que não vou corrigir nem uma sílaba, nem uma vírgula, nem reler isto sequer

(eu que releio tanto meu Deus!)

porque é insuportável sentir que Angola me veio com toda a força ao corpo. Não vou ter humor nem ser inteligente nem subtil nem ter-no nem irónico: Angola veio-me com toda a força ao corpo, custa muito, e o Macaco, o condutor, acaba de morrer de uma mina no Ninda: o Ernesto Melo Antunes estava lá e lembra-se. Perguntem-lhe a ele que se lembra. Pus a mão no peito do Macaco e não havia peito, e no entanto nem uma gotinha de sangue. No Ninda sob os eucalip-

frente. Apenas isto. Este foi o primeiro apenas. Podia relatar-vos muitos outros. Podia relatar-vos coisas horríveis, absurdas, cruéis ao ponto de ter vontade de

não escrevo a palavra escrevo só que Angola me veio com toda a força ao corpo e eu acuso a guerra de ter mudado a minha vida. É difícil entender mas eu não estava preparado, era novo demais, se calhar é-se sempre novo demais. Percebam: eu não merecia aquilo. Falo por mim: não sabia como aquilo era e ao saber como aquilo era compreendi que não merecia aquilo. Como não mereço isto hoje dia 1 de setembro, dia dos meus anos em que Angola me veio com toda a força ao corpo. Aos que se interessam pelo que escrevo peço desculpa: ia dar-vos uma crónica chamada Emília e uma noites: pensei nela, tinha-a mais ou menos na cabeça

(tanto quanto se pode ter um texto na cabeça visto que depois o texto toma conta da cabeça e faz-se conforme ele, texto, entende)

achava que vocês iam gostar e todavia não consigo: há tanta coisa em mim, tanta metralhadora, tanto morteiro, tanta horrível miséria. Para a próxima garanto que faço os possíveis por vos dar uma crónica como vocês gostam. Hoje não posso: é o dia dos meus anos e Angola veio-me com toda a força ao corpo. Depois de uma paz comprida, depois de imenso tempo de sossego. Claro que passa, claro que amanhã ou depois já estou melhor, os eucaliptos do Ninda desaparecem, tenho de novo a minha idade de agora, deixo de estar no armazém da companhia

(o armazém era um barraco)

a olhar os caixões e a pensar qual deles iria ser o meu. Lê-se que a guerra estava controlada em Angola: a guerra estar controlada era eu contar os mortos. Se calhar não foram muitos: para mim foram demais. Se calhar a guerra estar controlada tem que ver com um número reduzido de cadáveres: a merda é que eu os vi. Os conhecia. Costumava falar com eles, essas perdas insignificantes. Eu próprio sou uma per-

explicava assim a desordem e a ineficácia dos bancos de urgência dos hospitais

– O doente entrou bem, depois sobreveio-lhe o banco e morreu.

Eu também entrei bem: depois sobreveio-me a guerra e. Há tempos, almoçando com o capitão disse-lhe

– Nunca vi ninguém tão corajoso debaixo de fogo como você a passear de lanterna acesa no meio dos abrigos

e ele olhou para mim uma data de tempo

– Sabe? É que às vezes apetecia-me morrer.

Entendem um bocadinho melhor agora? Foi há 24 anos, caramba. Em 1971. É aborrecido fazer anos e receber Angola de presente. Eu sei que vocês não têm nada com o assunto e como nunca viram rapazes mortos sob os eucaliptos do Ninda muito menos têm de pagar as favas disso. Perdoem: a próxima crónica será como se habituaram a que seja, como apreciam que seja. Hoje não sou capaz. Tinha pensado numa coisa bem gira chamada Emília e uma noites e agradeço-vos a pachorra de aturarem por tabela Angola com toda a força no meu corpo. Para mais isto deve estar uma porcaria porque nunca na vida escrevi nada tão depressa. Mas agora pergunto: será que se consegue soltar um grito devagar?

e o bigode não haver maneira de crescer decidi em desespero de causa fazer o que me apetecia realmente: ser jogador de hóquei em patins e produzir obras-primas nos intervalos.

Andei pelo Futebol Benfica e pelo Benfica e entre os treinos principiei a acumular poemas e prosas que não faço a mínima ideia onde param. Espero que no Tejo. E apenas por falta de vocação para reformado, mártir ou refém, acabei romancista. Estranho, porque não sou gordo nem inteiramente feio, não tenho uma prega na testa, não combati na Grécia, não uso óculos nem barba, não janto nos restaurantes de génios do Bairro Alto, não cheiro mal da boca, não bebo álcool e estou-me por completo nas tintas para os êxitos ou fracassos dos outros que não me alegram nem me entristecem peva excepto no que diz respeito aos dois ou três amigos que admiro. Felizmente que é assim para não correr o risco de uma voz interior me perguntar indignada e sardónica

– O menino é parvo ou faz-se?

se eu resolvesse armar em intelectual português como outrora tentava armar em Sandokan a pintar a franja com graxa de sapatos.

## AS PALAVRAS CRUZADAS DO JORNAL

À noite a solidão é um bocado difícil. Claro que posso ler, posso ouvir música, posso alugar um filme no clube de vídeo, posso telefonar à Esmeralda, posso fazer uma hora de crochet antes de me deitar mas falta-me o Renato aqui em casa, o Renato na poltrona em que se sentava sempre, o Renato a resolver as palavras cruzadas do jornal ou a olhar para o tecto porque nunca foi de falar muito, dava-me um beijo, perguntava

– A mulher-a-dias passou-me as camisas a ferro?

e se eu me pendurava nele

(o Renato é alto e eu não sou muito grande)

a querer fazer-lhe festas na barba

(adoro fazer festas na barba do Renato)

ele desembaraçava-se da minha ternura com um gesto

– Hoje tomei banho de água quase fria porque a botija de gás está no fim

tirava a caneta do casaco, punha os óculos e começava a solucionar as palavras cruzadas enquanto eu ia para a cozinha aquecer o jantar.

– Mesa querido  
e o Renato sem ouvir, ave, cinco letras, pombo, réptil, seis letras, víbora, e eu

– Mesa querido  
o Renato de dentro do jornal, sem se mexer

– Vou já  
o jantar gelado, e eu

– O jantar fica gelado Renato  
o Renato a dirigir-se para a mesa a resmungar

– Que chatice  
a pôr o guardanapo ao pescoço, a olhar para mim indignado, a protestar

– Não consigo comer a sopa assim porque é que não aqueceste esta bodega?  
eu na cozinha a aquecer a sopa outra vez e o Renato da sala

– No dia em que houver um jantar em condições nesta casa deito foguetes  
eu aflita

– Chamei-te duas vezes amor  
o Renato com o jornal em cima da toalha, mamífero, três letras, cão

– Se me tivesses chamado eu tinha vindo  
o Renato sem reparar em mim a fechar o jornal e a ligar a televisão com o comando

– Estas refeições são uma seca não temos nada para dizer um ao outro  
a deixar-me levantar a mesa sem me ajudar com um prato que fosse, sentado na poltrona a mudar de canal enquanto eu arrumava a loiça na cozinha

– Para além disso passo os serões sozinho sem falar com ninguém se é para viver desta maneira prefiro voltar para o meu pai

– No caso de pensares que é agradável morar com uma mulher que nunca tira o avental e que nunca se arranja para mim enganas-te eu no quarto a maquilhar-me, a mudar de vestido, a pôr saltos altos, a passar a escova no cabelo, a parar no umbral para o Renato ver e o Renato

– Essa saia é horrível já te expliquei mais de quinhentas vezes que essa saia é horrível  
eu a começar a chorar, a esconder a cara com a mão e o Renato a levantar-se, a procurar as chaves do carro, a regressar para levar o jornal que esquecera, o Renato da porta

– Mulheres neuróticas em lágrimas por tudo e por nada não aturo eu no patamar

– Renato  
o Renato um andar abaixo

– Não precisas de um marido precisas de um psiquiatra Cristina de modo que desde há dois meses a solidão é um bocado difícil. Claro que posso ler, posso ouvir música, posso alugar um filme no clube de vídeo, posso telefonar à Esmeralda, posso fazer uma hora de crochê antes de me deitar, mas falta-me o Renato aqui em casa, falta-me a barba do Renato

(adoro fazer festas na barba do Renato)

falta-me alguém de quem possa tomar conta, para quem cozinhar, para quem pedir à mulher-a-dias para engomar as camisas para além de me custar admitir que ele não volta de forma que se a mulher-a-dias se espanta

– As gavetas do senhor Renato estão vazias  
respondo

– Foi de serviço a Coimbra e teve de levar a roupa  
porque quero pensar que logo à noite ele vai chegar, me vai dar um beijo, perguntar

– Mudaste a botija de gás?  
e se vai instalar na poltrona como se nada fosse a resolver as pala-

## AS COISAS DA VIDA

Não te preocupes comigo porque eu sabia que as coisas não podiam durar sempre. Não foste feita para viver em duas assoalhadas com um escritor que não escreve, para tomar banho de água gelada porque a companhia do gás não fia, para aturar as má-criações do senhorio porque me atrasei na renda. Não te preocupes comigo: compreendo que te vás embora, não armo escândalos, não te peço que fiques. Claro que me custa um bocadinho, ao princípio vou sentir a tua falta, nos primeiros tempos, em chegando as sete horas, ao ouvir os passos no patamar hei-de correr até à porta

– É a Teresa

e afinal não é a Teresa, é o vizinho do lado esquerdo com um saco do supermercado em cada mão, o vizinho a escapar ao meu abraço julgando que eu enlouqueci e eu a recuar aflitíssimo

– Desculpe senhor Vasconcelos tomei-o por outra pessoa

o vizinho a aconselhar-me com maus modos que deixe de beber e a aferrolhar-se em casa com medo que eu apareça para o beijar tratando-o por amor. Mas não te preocupes comigo: daqui a seis

um empréstimo do editor, daqui a seis meses, garanto-te, tenho a certeza que me esqueço de ti. No início estas coisas parecem sempre horríveis e depois à medida que a gente se habitua vamos tendo menos vontade de chorar, vamos recomeçando a interessar-nos por atentados à bomba e divórcios de princesas que são os dois tipos de catástrofes que mais nos apaixonam no jornal, deixamos de aborrecer os amigos com telefonemas a desoras e um belo dia

(é a vida)

damos por nós a assobiar ao espelho durante a barba da manhã, se alguém nos pergunta no café

– O que é feito da Teresa?

temos de fazer um esforço para nos lembrarmos de qual Teresa

– Qual Teresa?

os outros espantados

– A tua mulher que Teresa querias que fosse?

e nós num tonzinho desprendido, nós sinceros

– Ah a Teresa sei lá não a vejo há séculos

e verificamos sem surpresa que dizer o teu nome já não dói, que não nos recordamos bem da tua cara, que deixaste definitivamente de existir. Portanto não te preocupes comigo: isto passa. Passa a vontade de morrer, passa o desejo de escrever Teresa no pó dos móveis

(porque não vou ter ninguém para os limpar)

e nos vidros embaciados da janela, passa a estupidez de passar os dias estendido no sofá, a olhar o tecto e lembrar-me daquele passeio à Foz do Arelho, daquele vestido azul que não tornarei a ver, daquele encavalitamento dos incisivos de que eu gostava tanto, do domingo em que queimaste o jantar, das tuas fúrias por eu apertar a pasta de dentes pelo meio e deixar a torneira do lavatório a pingar toda a noite

– Pensas que és rico?

ou de quando lia o jornal por cima do teu ombro e tu incomodá-díssima

– Não consigo ler o jornal com uma pessoa a espreitar por cima do meu ombro desculpa

a atirares com as páginas e a fechares-te no quarto num derradeiro berro

– Que chatice

tu que afastavas a perna se eu aproximava a minha, ficavas hirta se eu tentava beijar-te, cessaste de me dar a mão no cinema, se eu te perguntava

– Amas-me?

ficavas calada ou resmungavas num esforço de alpinista no Himalaia, como se as palavras pesassem toneladas e o oxigénio faltasse

– Se eu não te amasse achas que estava aqui?

tinhas relações sem uma palavra, de dedos mortos nas minhas costas como se desejassem

(imagina o que fui pensar, que parvoíce)

que terminasse depressa, como se desejassem ver-te livre de mim, que se eu me interessava

– Foi bom?

me respondias

– Estou cansada dói-me a cabeça não sei

e te lavavas muito depressa como se eu te tivesse infectado, a chapinhares meia hora no bidé. Eu sabia que isto não podia durar sempre. Não foste feita para viver em duas assoalhadas com um escritor que não escreve, não foste feita para tomar banho de água gelada porque a companhia do gás não fia, não foste feita para aturar as má-criações do senhorio porque me atrasei na renda. Não te preocupes comigo: compreendo que te vás embora, não armo escândalos, não te peço que fiques, juro que não me zango se esse amigo de que me estás a falar e que não sei quem é vier ajudar-te a levar a tua roupa, a levar os teus livros. Não me zango: assim que vocês começarem a descer as escadas ligo à Mariana ou à Paula ou à Raquel, convido-as para sair comigo, recomeço a existência do princípio. Não julguem que vou desfazer-me em lágrimas ou que me suicido. Não vou. Asseguro-te que não vou.

embalagem de valium. A gente sempre precisa de qualquer coisa que nos faça companhia não é, e detesto limpar o nariz à manga do casaco da mesma forma que a ideia de me atirar pela janela me repugna: ainda podia cair em cima de vocês, lá em baixo no passeio à espera de táxi, ainda podia cair em cima do teu amigo e partir-lhe um osso ou assim e tu havias de imaginar que me sinto agressivo

que não sinto

com esse filho da mãe, desculpa, com esse rapaz que deve ser, que tem de ser, que aposto que é uma jóia de pessoa.

## ANTÓNIO JOÃO PEDRO MIGUEL NUNO MANUEL

Sempre que vou jantar a casa dos meus pais, saio de lá com a infância atravessada: Benfica mudou, a minha mãe deixou de ter 30 anos, posso fumar sem que ninguém me proíba, quando vem a travessa para a mesa nunca são fatias recheadas, não encontro os meus irmãos de pijama, com os cabelos loiros molhados do banho. A casa dos meus pais não se alterou muito: os quartos dos filhos transformaram-se em salas mas o cheiro é o mesmo. Há retratos de mortos: os meus avós, alguns tios, algumas tias, mortos que nunca me habituei ao facto de estarem mortos, que não me espantaria se entrassem de repente, pessoas que me fazem uma falta dos diabos e a quem não faço falta nenhuma porque nada agora lhes faz falta quanto mais eu. Sempre que vou jantar a casa dos meus pais saio de lá com a infância atravessada: não conheço as pessoas nem os prédios, o Paraíso levou sumiço, a Havaneza evaporou-se, não sei da dona Maria José contrabandista, não sei do maluco dos passarinhos, há séculos que não vejo o meu pai fazer a barba, há séculos que a minha mãe, com a tesoura pequenina na mão, não me diz

— Mostra-lá os dedos

para me cortar as unhas. Sou eu que as corto sozinho com um corta-unhas e como sou um aselha demoro eternidades a apanhar as aparas nos azulejos com o indicador molhado em cuspo. E corto-as em silêncio, sem berrar como um vitelo, a minha mãe espantada

– Ainda nem comecei

a minha mãe que nos cortava as unhas, nos dava injeções, transformava as camisas do tio Eloy em camisas para nós e como sou o mais velho andava sempre grávida, João Pedro Miguel Nuno Manuel. Saio de lá com a infância atravessada e fico no automóvel a ver o muro do jardim, o portão com um ananás de cada lado, as janelas trancadas, a copa escura da acácia porque é noite, a Travessa do Vintém das Escolas na mesma excepto o Cabecinha que não tornei a ver, Não Sei Quê da Costa Cabecinha, num rés-do-chão de peitoril à altura do passeio, com quem me apanharam a pedir para o Santo António e que tinha fotografias de mulheres nuas, rectângulos de papel negro com criaturas desfocadas que não se percebia peva e ele achava que sim

– Olha as mamas da gaja

eu cheio de vergonha e boa vontade sem perceber mamas nenhuma e o Cabecinha a guardar aquelas preciosidades no bolso

– Seu artolas

e a partilhar os tesouros com os Ferra-o-Bico que eram mais esclarecidos do que nós, se entendiam em glândulas e levavam miúdas ciganas para o mato atrás da Escola Normal a fim de procederem com elas a operações misteriosas. A infância atravessada é pior que uma espinha: a gente engole bolas de pão e não passa. Talvez seja por isso que vou a Benfica uma vez por mês se tanto e que quando lá vou me sinto como um cão à procura de um osso que julga ter enterrado e afinal de contas não existia osso nenhum. Um osso que mesmo assim procuro até me arderem os olhos. Como me procuro nos álbuns de retratos. Como me procuro debaixo da minha cama

(está lá, a minha cama)

como me procuro no espelho, no fundo de um olho, no

que havia o poço, em que havia a capoeira, de modo que depois do jantar fico no automóvel a ver o muro, o portão com um ananás de cada lado, as janelas trancadas, a copa escura da acácia porque é noite. Se calhar é sempre noite quando a gente cresce. Fico no automóvel à espera que a minha mãe me chame e sabendo que não me chama porque julga que me fui embora. Realmente fui-me embora. Para sempre.

## O AMOR CONJUGAL

Estou casada há vinte e quatro anos e não sei se gosto ou se me habituei. Não morro de entusiasmo com a ideia de o meu marido voltar todos os dias para casa às seis e meia sete mas também não é desagradável. Não me apaixona o facto de passar o mês inteiro de férias com ele e os pequenos mas também não me aborreço por aí além. Fazer amor não é a coisa mais apaixonante do mundo mas também não posso dizer que seja um frete. O Zé Tó tem sentido de humor, não é feio, não é parvo, apesar de tudo não tem muita barriga, não está mal para a idade, oferece-me flores de vez em quando, traz-me perfumes do free shop ao voltar das reuniões de Londres, comecei a namorá-lo aos dezassete, nunca dormi com mais ninguém, sinceramente não me vejo a dormir com mais ninguém e todavia, percebe, não sei se gosto dele ou se me habituei. Chego a pensar que gosto se o comparo com outros homens, com os maridos das minhas amigas por exemplo, com os meus cunhados, chego a pensar que me habituei quando vejo um filme com o Robert De Niro. Não é que o Robert De Niro seja bonito ou assim: é o sorriso, é a maneira de olhar, é o va-

Niro, o Zé Tó ao meu lado na cadeira, o Zé Tó ao meu lado no automóvel, o Zé Tó a perguntar-me em português se a mulher-a-dias lhe passou as calças cinzentas, a torneira do quarto de banho a correr, eu deitada, e é o Zé Tó, em pijama, quem se estende à minha esquerda com aquelas revistas de jipes todo-o-terreno que ele adora ler, é o Zé Tó quem me dá um beijo, quem apaga a luz, é o calcanhar do Zé Tó que me toca na perna, é o Zé Tó que adormece com uma rapidez que me irrita e me deixa sozinha no escuro a olhar o tecto à espera do sono que não vem, que não há maneira de vir, que demora séculos a chegar. Claro que se o Robert De Niro aqui estivesse não o queria para nada. Tem com certeza montes de manias chatíssimas, tem com certeza um feitio egocêntrico, se calhar gosta de construir aviões em miniatura ou outras parvoíces do género, se calhar enganava-me a torto e a direito com as actrizes de Hollywood

(e eu já cá cantam quarenta e seis e posso não ser feia mas não sou propriamente a Jessica Lange)

e a minha vida tornava-se um inferno de ciúmeiras e de partes gargas canalhas. Às vezes, está a ver, interrogo-me acerca do motivo que me faz vir à cabeça esta história de não saber se gosto do Zé Tó ou se me habituei, às vezes interrogo-me se será importante gostar dele, se será importante o amor, se não será mais importante a amizade, o companheirismo

(é uma palavra horrível tipo escuteiro, não é, acho que é uma palavra horrível mas não encontro outra)

os pequenos, que são óptimos, não nos trazem problemas, não se drogam, estão ambos na faculdade, nunca nos estamparam nenhum carro, preocupam-se imenso connosco sobretudo o Diogo que o Bernardo sempre foi mais desprendido o que não quer dizer que não seja um encanto, às vezes interrogo-me se não será mais importante a cumplicidade

(também não me agrada a palavra, cheira a roubo à mão armada não acha?)

a ausência de discussões, o bom feitio do Zé Tó, a pachorra dele para os meus caprichos, para o temperamentozinho que herdei do meu pai, para o meu desejo de operar o peito, de fazer um lifting, de me parecer com aquilo que fui mesmo se ao sorrir tiver a sensação que os ângulos da boca se vão rasgar num barulho de tecido. Ainda bem que você está de acordo comigo, nem calcula o peso que me tira de cima, ainda bem que você também considera a amizade mais importante que o amor, a amizade, o companheirismo

(lá está a palavra, que saco)

os pequenos, a cumplicidade

(e vão duas)

a ausência de discussões, o bom feitio do Zé Tó, ainda bem que você julga que não me devo questionar sobre se gosto dele ou se me habituei, ainda bem que me convidou para jantar só que eu jantar não posso, doutor, que desculpa ia dar ao Zé Tó diga-me lá, podemos mudar para um almoço sexta-feira num restaurante que não seja perto nem do seu consultório nem da minha casa, de preferência sem pessoas conhecidas, eu até sinto que você tem qualquer coisa do Robert De Niro, o sorriso, a maneira de olhar, mal entrei no seu gabinete pensei logo

– Este psicólogo tem qualquer coisa do Robert De Niro aposto que nos vamos dar bem

e agora sou capaz de jurar que nos vamos dar bem, sou capaz de jurar que a seguir ao almoço nos vamos dar lindamente.

## ENSINAS-ME A VOAR?

Não sei o que seria da minha vida se não fosse a colecção de borboletas. Sobretudo no inverno, percebem, os dias pequenos, a chuva, a tristeza das árvores, o papel da parede a destingir para dentro da minha mãe, para dentro de mim, o apartamento de súbito acanhado, uma vontade de qualquer coisa que não há, sobretudo nos domingos de inverno quando às quatro da tarde acendemos a luz e me apetece morrer. Não morrer, é claro, de uma morte por doença ou assim, simplesmente deixar de existir

trucla

como uma lâmpada se funde, desaparecer por completo, sem rastro, nunca ter nascido, não morar num corpo incómodo com braços a mais e pernas a mais e dentes a mais que doem

(a propósito tenho de marcar uma consulta sem falta para a semana que vem)

um corpo ainda por cima com frio, duas camisolas e os joelhos encostados ao calorífero, o cabelo que principia a rarear na moleirinha apesar dos tratamentos que leio no jornal e vou comprar à farmácia,

trucla

como uma lâmpada se funde sem a minha mãe dar por isso coitada, a minha mãe que a seguir ao falecimento do meu padrinho voltou para casa com a colecção de borboletas

– O teu tio Fernando deixou-te isto

cinco caixas de vidro com os bichos, de asas abertas, pregados em cartões, e o nome a latim por baixo, cinco caixas de insectos coloridos, azuis, amarelos, encarnados, verdes, com pintas e listras e círculos e manchinhas simétricas que à minha mãe faziam pena e eu achava lindos. De forma que no inverno, quando me apetece morrer, vou buscar a colecção de borboletas ao armário do meu quarto, ponho-as ao lado umas das outras na mesa do jantar e fico durante horas debruçado para os bichos indiferente à chuva e à tristeza das árvores. A minha mãe ainda protesta do crochet a contar as malhas com a unha

– Sempre gostava de entender a graça que achas a isso

mas como detesta que eu saia por causa das más companhias e das doenças das mulheres, resolve calar-se não vá eu guardar as caixas e descer as escadas

(moramos num terceiro andar)

para a academia de bilhar da avenida, cheia de homens com a unha do mindinho comprida e de senhoras que fumam

(na opinião da minha mãe uma senhora que fuma não pode ser honesta)

e entrar-lhe na sala com uma noiva que lhe fique com as jóias, passe a decidir das refeições e a meta num lar. As jóias não são muitas: o meu pai não era rico, ninguém na nossa família era rico, e o que ela tem, para somar à aliança, é um anel com uma pedrinha que além de minúscula me parece falsa e um colar de pérolas que se vê logo que o é, demasiado perfeito como as dentaduras postiças. A colecção de borboletas tem a vantagem de nos manter no apartamento aos dois, a mim porque não tenho tempo de arranjar uma namorada e casar-me e a minha mãe porque, na ideia dela eu, por minha vontade, nunca

(a minha mãe imagina que os velhos são sempre metidos em caves a passarem fome e cheios de percevejos)

no que aliás tem razão visto que gosto dela e nos damos bem. É raro zangarmo-nos, é raro discutirmos, não me queixo da comida nem há pó pelos cantos, e se não me apetecesse tanto morrer no inverno era uma pessoa feliz. De resto não posso dizer que seja especialmente infeliz: graças a Deus tenho tido saúde

(à parte a queda do cabelo, que seca)

não ganho muito no emprego mas para a vida que levamos e junto com a pensão do meu pai chega perfeitamente se pouparmos um bocadinho na luz. o apartamento é nosso, na próxima primavera fechamos a varanda da cozinha e fica uma marquise óptima para passar a ferro

(gosto do cheiro da roupa, daquele cheiro de humidade quente de quando se passa a ferro)

e mal o papel da parede começa a destingir para dentro de mim vou num pulo ao meu quarto e trago a colecção de borboletas do meu tio Fernando, o irmão da minha mãe que morreu de um aneurisma faz em janeiro três anos. Era solteiro como eu mas morava sozinho e de tempos a tempos, aos sábados, como nós moramos perto do campo da bola, vinha almoçar connosco antes dos jogos. No fim do almoço enquanto a minha mãe lhe servia o café perguntava-me com um sorriso que nunca percebi

– Ensinas-me a voar?

eu com cara de parvo a achá-lo maluco, a minha mãe desconfiada (a minha mãe desconfia de tudo)

– Que história é essa Fernando?

o meu tio Fernando, muito compenetrado, com os beicinhos em bico para não se queimar e mão espalmada no peito para não sujar a gravata

(a minha mãe diz que as nódoas de café são um tormento)

– Todas as crianças sabem voar Madalena

e eu, apertado no móbile com medo de usar um suéter pelo cor

redor fora. Acho que foi por ter vontade de voar que o meu tio Fernando

(o meu tio Fernando trabalhava num banco a trocar dinheiro às pessoas)

começou sem dizer a ninguém a colecção de borboletas. Se calhar também o inverno era difícil para ele

(os dias pequenos, a chuva, uma vontade de qualquer coisa que não há)

se calhar também aos domingos, como não havia jogos, lhe apetecia morrer. Morava em duas assoalhadas escuríssimas com móveis parecidos com urnas e comia sozinho diante do jornal, ou seja com o jornal entalado entre o prato e o jarro da água

(o médico proibiu-lhe o vinho derivado às artérias)

e não me admira que lhe apetecesse morrer. Há alturas em que penso que toda a gente

(mesmo as que colecionam borboletas)

tem vontade de morrer, e que se nos ensinassem a voar nos íamos logo embora para outro país qualquer, esses países sem domingos de inverno

(deve haver com certeza países sem domingos de inverno)

onde não é preciso fazer crochet toda a tarde nem olhar caixas com bichos porque se é feliz.

## A FEIRA POPULAR

Ontem, sábado, Feira Popular. Não havia um único espaço para o automóvel e no entanto de cinco em cinco metros criaturas gesticulantes propunham-me soluções impossíveis: deixá-lo quase na vertical num talude, amarinhar um monte de pedras, ocupar uma zebra debaixo dos olhos da polícia pronta a tirar da algibeira o blocozinho das multas

(a criatura gesticulante para mim, num cochicho tranquilizador – Meta lá o espada amigo meta o espada entale um papel qualquer no pára-brisas e os pasmas acham que já o multaram e não o chateiam mais)

de forma que acabo por decidir deixar o espada, um Golf velho, amolgado e sujo, numa ruela cheia de materiais de construção e de camionetas com aspecto órfão. A conselho da Cláudia, que tem cinco anos, anda por ali a brincar com o lixo, deve morar numa vivenda de tábuas onde um cão invisível ladra desesperadamente e nunca entrou na Feira Popular. Mas vai vendo as luzes e ouvindo a música sem pagar nada enquanto constrói uma boneca com pauzitos e pedaços de arame

Foi de tal modo uma noite importante que hoje, ao acordar, dei por mim no duche cantando o tema do rapaz dos jeans rasgados. E por momentos, ao sair do banho, tive a certeza que a categorizada Ana Malhoa andava por ali de soutien e calcinhas a saltar entre os móveis, pronta a manifestar-me a sua afeição sincera num reforço de guinchos que cheiravam a churrasco e ao óleo queimado das farturas.

## NO FUNDO DO SOFRIMENTO UMA JANELA ABERTA

Quando eu tinha treze, catorze, quinze anos e lia todos os livros que me vinham à mão, os livros dos meus pais, os livros que roubava e os livros que podia comprar, voltava não sei porquê, como a língua procura sem descanso o dente que lhe falta, a esses versos franceses que copiara num caderno

há sempre no fundo do sofrimento uma janela aberta uma janela iluminada

e fechava o caderno e fumava às escondidas debaixo do limoeiro do quintal. Quando eu tinha treze, catorze, quinze anos lia os livros que me vinham à mão e como em casa dos meus pais havia uma coisa essencial e simples que se chama bom gosto não posso devolver a certos palermas os mimos com que me presenteiam por a inveja não ser o meu forte, sobretudo a inveja do que desconheço. Lia os livros que roubava aos meus avós e aos meus tios e os livros que podia comprar, regressava ao caderno

há sempre no fundo do sofrimento uma janela aberta uma janela iluminada

a minha mãe mandou tapar para que os filhos não caíssem lá dentro e a janela do senhor Florindo sapateiro, a repetir os versos sem os compreender dado ignorar o que a palavra sofrimento significava do mesmo modo que mais tarde, no hospital, via os moribundos contemplarem com espanto as próprias mãos, até que perdi o caderno e me esqueci do poema. Ou melhor: julgava tê-lo esquecido, uma vez que me reapareceu em Angola, nas Terras do Fim do Mundo, a dez mil quilómetros de Lisboa e a treze mil de Moscovo

(como anunciava uma placa pendurada no arame farpado)

no meio da morte, da desolação, da miséria e daquele erro formidável de que o Ernesto Melo Antunes me falou numa carta que a censura militar não abriu. Reapareceu em Angola, nas Terras do Fim do Mundo, ao escurecer, estava eu deitado no meu quarto

(chamemos-lhe quarto)

quando, de repente, uma voz de ardina lisboeta desatou a apregoar os jornais da tarde e o pântano de espingardas e caixões em que eu vivia se transformou numa rua da Baixa. A voz apregoava os jornais da tarde, apregoava a Eva

– Olha a Eva do Natal a Eva

apregoava como os vendedores da procissão do Corpo de Deus

– Copo e vela a dez tostões copo e vela a dez tostões

a procissão do Corpo de Deus que eu fazia em criança como menino de coro entre anjinhos de asas bafientas e velhotas em lágrimas. De repente no meio da noite os jornais de Lisboa, a Eva

– Olha a Eva do Natal a Eva

de repente, cobrindo o ruído do motor de electricidade a gasóleo, os vendedores da procissão do Corpo de Deus

– Copo e vela a dez tostões copo e vela a dez tostões

de repente a minha cidade na areia do fim do mundo, em Angola, cheguei à porta do quarto

(chamemos quarto a uma barraca, eu chamava-lhe quarto para

e encostado ao mastro da bandeira sem bandeira um soldadito sozinho, de dedos adiante da boca

(há sempre no fundo do sofrimento uma janela aberta uma janela iluminada)

a gritar a cidade de nós dois às sentinelas pasmadas. Nas alturas mais difíceis de África em que tudo se embrulhava cá dentro, sem lágrimas para doer mais, depois das minas, das emboscadas, dos rapazes sem pernas, da comida atirada em caixotes pelo avião que não podia aterrar e que a gente disputava aos cães, chamava o soldadito para trás do paiol, para trás do que restava das colunas do chefe de posto

(Lisboa dez mil quilómetros Moscovo treze mil)

pedia-lhe

– Os jornais pá

ele punha os dedos adiante da boca, começava a apregoar, e na meia hora seguinte ficávamos ambos em paz, porque

há sempre no fundo do sofrimento uma janela aberta uma janela iluminada

lá estava a casa dos meus pais, o limoeiro, o poço, os degraus de pedra, a sombra da acácia, o retrato da minha mãe em nova de colar de pérolas, esses grãos que encerram o fundo do mar no seu sorriso pálido, desligavam o motor da electricidade, eu dizia ao soldadito

– Já chega

atravessava um pedaço de noite e entrava na sala

(chamemos sala a tijolos e a capim seco)

onde os alferes jogavam às cartas numa mesa de tábuas de barrica, estendia-me numa cadeira também de tábuas de barrica e não havia guerra, não havia feridos, não havia tiros, havia um menino do coro, de caldeirinha de água benta a descer para a Sé, feliz, entre anjinhos de asas bafientas e velhotas em lágrimas.

## HOJE APETECE-ME FALAR DOS MEUS PAIS

Ser o filho mais velho de dois filhos mais velhos era um bocado estranho porque tinha avós novos e tios quase crianças. A minha mãe era uma rapariga linda de vinte e tal anos

(não saio à minha mãe)

que parecia dezoito, os desconhecidos achavam-nos irmãos e lembro-me de o meu pai fazer trinta e três e eu o considerar, para além de feiíssimo

(saio à família do meu pai)

um matusalém do caraças. O matusalém habitava o escritório entre cachimbos e livros e a rapariga linda habitava como todas as mulheres

(que remédio)

a casa inteira. O meu pai tinha o cabelo preto e a minha mãe não. O meu pai tinha olhos azuis

(afinal pensando bem talvez não saísse assim tão feio)

e a minha mãe verdes. O meu pai dormia do lado do despertador e a minha mãe do lado do bebé porque durante séculos havia sempre um bebé aos gritos. A origem destes bebés era aliás um mistério para

(aqui para nós, felizmente, julgo que de certo modo continua a ser)

e a história de Paris e das cegonhas possuía demasiadas incongruências para eu acreditar nela até porque na viagem de Paris a Benfica com as crianças no bico

(Paris era quase tão longe como de Lisboa à Praia das Maças)

algum caçador daria um tiro no bicho, incomodado com a berraria que os meus irmãos faziam. Além disso se a cegonha os entregava pessoalmente como os carteiros as encomendas registadas, o facto de a minha mãe ir para a maternidade e eu vê-la na cama afigurava-se-me esquisito a não ser que a maternidade fosse uma espécie de central, idêntica à estação do Rossio, onde se levantavam os meninos como mercadorias com o letreiro Frágil, e o bater das asas dos pássaros a constipasse. De qualquer modo os bebés ali estavam dedicando-se alternada e continuamente a mamar e a gritar. Um dia no intervalo de uma mamada o meu pai perguntou-me

– Queres ver?

apertou o peito da minha mãe, saiu um jorro de leite e fiquei de boca tão aberta que não me recompus até hoje. Mal um dos meus irmãos se transferia para o quarto logo outro ocupava o berço aos uivos (eu tinha imensa pena do trabalhão das cegonhas)

e na mesinha de cabeceira havia um açucareiro destinado a mergulhar a chupeta a fim de acalmar o monstro que exercitava os pulmões meses a fio. Espanta-me que nenhum de nós seja tenor, e quando assisto a uma ópera luto comigo próprio para não descer ao palco com uma chupeta e um açucareiro e tranquilizar os artistas igualmente rechonchudos, igualmente carecas, igualmente roxos de esforço, igualmente vestidos de folhos, roubados ao berço pela maldade do maestro. O problema é que os sopranos pesam demais e se lhes pegasse ao colo para os embalar fazia uma hérnia da coluna.

A partir da altura em que nos transferiam para o quarto o meu pai ensinava-nos a andar de patins

(foi campeão de patinagem)

a minha mãe, que não foi campeã de nada, ensinava-nos a ler, e com essas duas prendas na bagagem éramos considerados aptos para a vida e enfiados na escola do senhor André para uma pós-graduação em afluentes da margem esquerda do Tejo e estações do ramal da Beira Baixa

(é dramática a quantidade de afluentes e estações que existem, o que me leva a desejar que o mundo inteiro fosse o deserto do Gobi)

e uma vez munidos desses conhecimentos indispensáveis os meus pais largavam-nos no mundo onde começávamos logo a reproduzir-nos e a ganhar cabelos brancos. Pode parecer estranho mas ainda há um minuto andava eu de chupeta e já o Presidente da República me convidava para a tomada de posse a que não fui por não saber que calções havia de vestir, a minha mãe não estar ali para me fazer a risca e o meu pai não me avisar

– Se chegas depois das onze no sábado ficas de castigo.

Foi uma má ideia terem-me deixado sair de Benfica: faltam-me os bebés, falta-me o cheiro do tabaco de cachimbo, falta-me o livro da primeira classe, falta-me jantar de pijama a seguir ao banho, com a franja molhada, falta-me a rapariga de vinte e tal anos que parecia dezoito. Quando o Junger afirmava

Quanto mais envelheço mais futuro tenho

estava a ser uma besta. A verdade é que parte do meu futuro ficou atrás de mim. Na quinta-feira, que é quando os meus irmãos se reúnem em casa dos meus pais, vou até lá buscá-lo. E agora acabo de escrever visto que me apetece calar-me e vocês não têm nada com isso.



## NÃO FOI COM CERTEZA ASSIM MAS FAZ DE CONTA

Do que eu mais gostava na Beira Alta era da surdez do meu avô. Usava uma espécie de auscultadores de que saía um fio enaranhado que terminava na pilha

enorme

no bolso de cima, e dava-me ideia, pela expressão atenta, de estar sempre a comunicar com os anjos ou essas vozes sem corpo que julgava perceber nos pinheiros e ele decerto escutava. A nós, aos terrenos, não nos ouvia nunca: a minha avó gritava-lhe por sinais que estávamos ali, o meu avô olhava para baixo, sorria, principiava um gesto na nossa direcção de que se esquecia logo, chamado pelos pinheiros ou por alguma urgência celeste. De pessoa tinha pouco: não me lembro de o ver rir, de o ver comer: ou permanecia calado na varanda para a serra ou então lia o jornal, que chegava no comboio do meio-dia e era necessário ir buscar à estação. De casaco de linho branco, encostado a um pilar, voltava as páginas num ruído de pombos sem que a sua expressão mudasse uma só vez. Se calhar nem lia: demorava-se nas notícias o tempo necessário para pensarmos que lia, esquecia-se das folhas

leveza distraída dos serafins. A sua presença era uma silenciosa ausência que cheirava a brilhantina: ao fim da tarde, depois do banho

(puxava-se a água do poço com uma bomba e o chuveiro era um balde com buraquinhos)

deixavam-me pôr no cabelo uma gota desse creme branco que me endurecia as madeixas e me embalsamava de um perfume de Paraíso. Contrariamente ao que eu pensava os sons da casa não diminuían de intensidade

(os castanheiros continuavam a estalar nas janelas)

nem os anjos se interessavam por mim. Jantava de pijama, amuado com Deus.

Não me recordo de o meu avô fazer fosse o que fosse a não ser levantar. De tempos a tempos introduzia um cigarro na boquilha e fabricava nuvens com a boca. Talvez a construção de nuvens constituísse o seu trabalho essencial: as criadas chamavam-lhe senhor engenheiro. Para mim os engenheiros erguiam pontes e prédios. O meu avô, mais dado às coisas sem peso e à falta de substância da matéria, preferia o que, de gasoso, obedece aos caprichos do vento. As suas caravelas de fumo, perfeitas, rigorosas, navegavam setembro inteiro para oeste, transportando os patos bravos e o verão consigo. Cansado de tecer o outono o meu avô adormecia na poltrona da sala.

Da mesma maneira que me não recordo de ele fazer fosse o que fosse também não me recordo de cumprimentar ninguém. As visitas iam e vinham, nós íamos e vínhamos, os jornais amarrotavam-se no caixote do lixo anunciando o dia seguinte

(a partida dos jornais para o caixote do lixo anunciava os amanhãs)

e o meu avô permanecia, silencioso e ausente, ora a dormir na poltrona ora a edificar nuvens na varanda, única coisa imutável num mundo onde até as árvores morriam. O mesmo casaco de linho branco, o mesmo creme branco, o mesmo cabelo branco, o mesmo sorriso branco, distraído e parece-me hoje, tantos anos depois, um

pouco triste, o que se compreende porque no Céu do catecismo a alegria era cavernosa e lúgubre, e o latim

(língua oficial das sacristias)

um esperanto difícil. Passar o tempo inteiro de auscultadores, a receber declinações, deve maçar. Quando fiz doze anos o meu avô morreu e a Beira Alta acabou. Ignoro o que aconteceu ao casaco e à boquilha das nuvens mas encontrei muito mais tarde o aparelho de ouvir, num desses armários de inutilidades onde se amontoa o passado: álbuns, cartas, restos de xícaras, chaves desemparelhadas, selos exóticos, virgens fosforescentes que perderam a auréola, tudo o que permitirá, aos arqueólogos futuros, reconstituírem-nos de acordo com um lixo de cacos, pensando que andámos para trás em relação à época das galeras. Quando muito o aparelho de ouvir intrigá-los-á como me intriga a mim. Colocarão os auscultadores nas orelhas

(como eu coloco os auscultadores nas orelhas)

a pilha enorme no bolso de cima

(como eu a pilha enorme no bolso de cima)

ligarão as duas coisas com o fio entrançado

(ligo as duas coisas com o fio entrançado)

e darão fé, atónitos

(dou fé, atónito)

do murmúrio antiquíssimo dos pinheiros e do diálogo dos serafins. O resto será o eco da bomba de água a permitir-me o banho, talvez a visão fugitiva de uma criança empastada em brilhantina que negoceia com a mãe a sopa do jantar, comida a troco de uma dose dupla de pudim. E, com um pouco de sorte, pode ser que um senhor surdo a fabricar nuvens numa varanda para a serra e a ir-se embora com elas e os patos na direcção do outono. Hoje o surdo sou eu. E o feijãozinho que a medicina moderna me colocou no ouvido apenas me traz ruídos ampliados de garagem em noites de insónia e os guinchos distorcidos do universo. Tenho de voltar o mais depressa possível à Beira

boquilha tomar-me-ão pelo meu avô e perguntarão, em latim, se estou bem. Não sei como se responde

– Vamos indo

mas substituo as palavras por um encolher de ombros e um dedo apontado aos destemperos da vesícula. A seguir leio o jornal, acendo um cigarro e tento uma nuvenzinha desastrada: aos cinquenta e sete anos chegou a altura de partir também, a caminho do outono, abandonando no armário das inutilidades uma dúzia de livros, que são as chaves desemparelhadas que possuo. Não se pode abrir nada com elas a não ser portas que deixaram de existir.



## ANTÓNIO 56 1/2

Aquilo a que costumamos chamar circunstâncias e não passa, muito simplesmente, do que consentimos que a vida e as pessoas nos façam, obrigaram-no cada vez mais a reflectir sobre si mesmo. Aos vinte anos julgava que o tempo lhe resolvia os problemas: aos cinquenta dava-se conta de que o tempo se tornara o problema. Jogara tudo no acto de escrever, servindo-se de cada romance para corrigir o anterior em busca do livro que não corrigiria nunca, com tanta intensidade que não lograva recordar-se dos acontecimentos que haviam tido lugar enquanto os produzia. Esta intensidade e este trabalho faziam que não sofresse outra influência que não fosse a sua nem erigisse como modelo nada fora de si, embora o tornassem mais sozinho do que um casaco esquecido num quarto de hotel vazio, enquanto o vento e a desilusão fazem estalar, à noite, a persiana que ninguém fechou. Não conhecendo a tristeza sabia o que era o desespero: o próprio rosto no espelho para a barba da manhã, ou antes não um rosto, pedaços de rosto reflectidos numa superfície inquieta, incapazes de construir o presente, devolvendo-lhe fragmentos soltos de passado

(tardes no jardim, bibes, triciclos)

e transmitindo mais um sentimento de estranheza que uma lembrança comovida, o qual ajuizava para ajudar a sonhar os que não tinham coragem de sonhar sem ajuda. À ética de consumo dos outros contrapunha uma ética de produção, não por qualquer espécie de virtude

(não possuía virtudes)

mas por incompetência de utilizar os mecanismos práticos da felicidade. O desprezo pelo dinheiro derivava de uma malformação sem parentesco algum com o amor da pobreza. Considerava a conta no banco como os livros desinteressantes empilhados no fundo da casa: qualquer dia, num impulso de higiene, venderia as notas a peso.

O apreço dos jovens escritores e dos aspirantes a escritores que lhe enviavam manuscritos e cartas confundia-o: como entender que houvesse mulheres e homens dispostos a existirem, quotidianamente, na aflição e na angústia? Nunca decidira fazer livros: qualquer coisa ou alguém impunha-lhe que os fizesse e dava graças a Deus que aqueles de quem gostava fossem criaturas livres e o considerassem com essa espécie de indulgência que se sente em relação a quem perdeu um braço ou uma perna ao serviço de uma causa insensata. Os amigos tinham tendência a guiá-lo com a mão amável com que se conduz um cego, avisando-o dos desníveis da rua, certos que uma inocência desamparada o habitava, deixando-o indefeso à mercê de quase tudo e principalmente de si próprio. Se pudessem tiravam-lhe os atacadores e o cinto como se faz aos presos a fim de o impedir de escapar-se sabe-se lá para onde ou de morrer por descuido, dado que não distinguia o açúcar da areia nem os diamantes do vidro, ocupado como andava a gravar as palavras tão profundamente que se pudessem ler, como Braille, sem o auxílio dos olhos. Que o dedo corresse pelas linhas e sentisse o fogo e o sangue. Para que sentissem o fogo e o sangue tornava-se necessário que ele ardesse e sangrasses. Saberiam os aspirantes a escritores o que se paga por uma única página? A diferença entre o

puro e o impuro? Quando se deve trabalhar e quando se deve parar de trabalhar? Que o sucesso nada vale, primeiro porque já estamos noutro lado e segundo porque as qualidades são, quase sempre, defeitos disfarçados e é desonesto satisfazer-mo-nos com que nos louvem pelos nossos defeitos habilmente escondidos? Saberiam os aspirantes a escritores que não alcançar o que queremos é, no melhor dos casos, o nosso amargo triunfo? Que o romance acabado nos deixou demasiado exaustos para nos trazer alegria e que o pavor de não conseguir o próximo livro começa, logo de imediato, a perturbar-nos?

Tardes no jardim, bibes, triciclos. Agora que o tempo resolveu os problemas e se tornou

ele, o tempo

o problema, reparou que as filhas se transformaram em mulheres e era noite. Mas, com um pouco de sorte, talvez deixasse atrás de si não um rastro, não a sua sombra, não uma memória: somente aquilo que, de mais profundo, em si escondia: o que tinha a mais que os restantes. E então, quando chegasse a hora, poderia deitar-se em paz, fechar os olhos, dormir: finalmente tornara-se apenas igual a vocês.



## NÓS DOIS AQUI A OUVIR CAIR A CHUVA

Novembro é um mês difícil: foi o mês em que morreu a tua mãe e perdemos o cão. A tua mãe a gente esperava mais ou menos, com a idade dela e os diabetes. O médico aconselhou

– Tomem cuidado com o frio

aumentámos-lhe os cobertores da cama, arranjaste um xaile grosso, comprámos um calorífero a petróleo que empurrámos para o lado da poltrona

– Agora veja lá

reforçámos as canjas mas claro, oitenta e três anos são oitenta e três anos, a tua mãe via mal, tropeçou no calorífero, partiu o osso da perna, nas urgências foram avisando logo

– Isto do osso da perna vai ser um problema

ainda voltou para casa, cobertores, xailes, e resta-nos a consolação de ter falecido quentínha. Pode parecer estranho mas sem ela a sala aumentou.

Na semana seguinte o cão. Não estava velho nem diabético. Eu levava-o a fazer chichi às segundas, quartas e sextas, tu ocupavas-te da

íamos juntos, de braço dado, para uma olhadela às montras do bairro, tu com a trela, eu a assobiar-lhe

– Benfica

distraímo-nos no estabelecimento de candeeiros a tentar ver o preço de um lustre

– Não é o da direita, é o da esquerda, Henrique

numa etiqueta que baloiçava no meio dos pingentes, esquecemos o Benfica por um segundo, a farejar os pneus de um carro parado adorava farejar pneus

e a paixão pelos pneus foi a perdição dele: apesar das instruções que lhe dávamos sempre antes de descer as escadas

– Cuidadinho Benfica

quis farejar as rodas de um automóvel por acaso em movimento, ouvimos um estrondozito mole e acabou-se. A tua mãe e o cão, defuntos, possuíam como que um ar de família, chamei-te a atenção ao debruçarmo-nos para o bicho na rua

– Não dá ares da tua mãe, Irene?

concordaste comigo a assoar desgostos, o dono do automóvel para a gente

– Eu não tive culpa, eu não tive culpa

tu a apontares-lhe o cão

– Dá ares da minha mãe, sabia?

o do automóvel de boca aberta, e a camioneta do lixo levou-o nessa madrugada. A sala aumentou ainda mais, e como não temos ninguém para passear no bairro deixámos de olhar as montras.

Portanto estamos sozinhos. Há a fotografia da tua mãe na cómoda e a trela do cão na gaveta, de vez em quando observamos a fotografia ou abrimos a gaveta para tocar na trela e todavia estamos sozinhos. Ficamos sentados nos lugares do costume, fazes crochet na cadeira de baloiço, finjo que leio o jornal no sofá, um silêncio muito grande entre nós e, com um bocado de sorte, a chuva lá fora. Ao ouvirmos cair a chuva sobre as telhas do telhado, eu e tu, sentados no sofá, olhamos para o chão e para o cão, que está a dormir no tapete.

– Dás pela chuva, Henrique?

subo os olhos do jornal a acenar que sim, e ficamos a contemplar a janela onde as gotinhas escorregam, aclaradas de viés pelas lâmpadas do passeio. Pelo menos falámos. Pelo menos disseste

– Dás pela chuva, Henrique?

pelo menos acenei que sim do jornal, pelo menos, por um momento, estivemos acompanhados. Somos pessoas discretas, incapazes de exageros, de conversas, de emoções inúteis. Julgo que foi isso que nos uniu, a timidez e a ausência de lágrimas. Ainda bem. Acho que ainda bem para nós. Casámos há trinta e sete anos e nunca discutimos. Para quê? E depois existem momentos assim, a seguir ao jantar, em que principia a chover e nós aqui dentro, em paz, quase felizes. E escrevo quase felizes porque para escrever felizes seria preciso que a chuva fosse tão forte que arrancasse o prédio do lugar e o arrastasse consigo na direcção do Tejo o que, é evidente, não acontecerá nunca. Talvez seja melhor: o verão, graças a Deus, passa num ai, e daqui a nada novembro de regresso. Perderemos de novo a tua mãe, de novo perderemos o cão. Não tem importância. Como tu me explicaste umas coisas valem por outras e temos o consolo da chuva. Perguntar-me-ás

– Dás pela chuva, Henrique?

acenarei que sim, e durante um momento somos dois, e durante um momento, palavra, podia escrever em nome de ambos, eliminando o quase, que nos sentimos felizes.



## CRÓNICA PARA SER LIDA COM ACOMPANHAMENTO DE KISSANJE

A coisa mais bonita que vi até hoje não foi um quadro, nem um monumento, nem uma cidade, nem uma mulher, nem a pastorinha de biscuit da minha avó Eva quando era pequeno, nem o mar, nem o terceiro minuto da aurora de que os poetas falam: a coisa mais bonita que vi até hoje eram vinte mil hectares de girassol na Baixa do Cassanje, em Angola. A gente saía antes da manhã e nisto, com a chegada da luz, os girassóis erguiam a cabeça, à uma, na direcção do nascente, a terra inteira cheia de grandes pestanas amarelas dos dois lados da picada e uma ocasião

lembro-me

um bando de mandris numa encosta, quietos, observando-nos. Depois cansavam-se de nós e desapareciam na sombra dos caules. A coisa mais bonita que vi até hoje foi Angola, e apesar da miséria e do horror da guerra continuo a gostar dela com um amor que não se extingue. Gosto do cheiro e gosto das pessoas. Talvez os momentos que tive mais próximos daquilo a que se chama felicidade me aconteceram quando fazia um barro.

eu resolvia os problemas que as mulheres ou o meu colega feiticeiro

euá kimbanda

não eram capazes de solucionar, quando acabava saía do casinhoto da enfermaria como se tivesse ainda nas mãos uma vidinha trémula e achava-me feliz. As mangueiras, imensas, restolhavam sobre a minha cabeça, o senhor António espreitava da cantina. É engraçado: nas alturas difíceis a memória da Baixa do Cassanje ajuda-me. Recordo o soba Macau

euá Muata

digo para mim mesmo

– Tumama tchituamo

e sereno. Se for à janela aposto que, mesmo em Lisboa, vinte mil hectares de girassol a perder de vista, as pestanas loiras, os mandris. A incrível beleza das raparigas, a sua pele tão suave, a tia Teresa, gorda, enorme, que comandava uma cubata de putas em Marimba, e sabia muito mais da nossa condição do que qualquer outra pessoa que conheci.

– Euá Tia Teresa

euá os batuques à noite na sanzala de Dala, a liamba dos óbitos: euá liamba.

Conversava com a tia Teresa ao fim da tarde quando me vinham saudades de tudo. Às vezes impingia-me uma das suas empregadas: nunca fui capaz de aceitar. Mandava vir uma bacia com água, sabão, uma toalha, e lavávamos ambos, solenemente, a cara. Um dia entregou-me uma lata de pó de talco, na ideia de me proteger do mau olhado. Se calhar protegeu. E, de palmas cor de caliça, comíamos moamba juntos. Ela e o kimbanda Kindele, ou seja o médico branco. Eu que tantas vezes, em África, tive vergonha de o ser. O meu corpo tão desgraçoso. Se encostasse o meu ouvido a uma árvore não sabia, como a tia Teresa, quem vinha. Mas o soba Kaputo convidou-me para padrinho do filho, a maior distinção que recebi até hoje: por edu-

cação, ninguém troçou da minha forma de dançar. Uma velha com a brasa do cigarro no interior da boca apertou os meus dedos nos seus dedos:

euá Velha

aperta os meus dedos outra vez: estou a escrever isto com uma alegria grande, a mesma com que aos domingos de manhã fumava mutopa

cachimbo de cabaça

com os homens, os ouvia falar, jogava com eles uma espécie de gamão de pedrinhas à medida que olhava a jangada a atravessar o rio Cambo, debaixo dos morcegos do crepúsculo, com os candeeiros da Chiquita ao longe. Os girassóis recolhiam a cabeça para poderem dormir, os mochos voavam contra os faróis do jipe, no caminho. A fazenda de tabaco do senhor Gaspar, com as suas caveiras de hipopótamo. O senhor Gaspar sorria no interior do bigode

euá Senhor Gaspar

sentávamo-nos na varanda

– Tumama tchituamo

e o macaco dele, aos guinchos, fazendo tilintar a corrente: dava-lhe o medo do escuro. Lá vinha a bacia de água, o sabão, a toalha. No meio da miséria e do horror havia momentos de um contentamento tão grande. Uma paz de eternidade que não voltei a encontrar. O que mais quero no mundo são os girassóis da Baixa do Cassanje e eu a caminhar

a voar

por entre eles.

– Euá Velha

aperta os meus dedos outra vez.



## BOA NOITE A TODOS

Quando o comboio partir não digas adeus porque ficaste no cais. Foi apenas o teu passado que se foi embora, na terceira ou na quarta carruagem de segunda classe, precisamente a que acaba de desaparecer no túnel. Foi apenas o teu passado que se foi embora: o teu presente ficou. O teu presente, isto é: ir ao bar da estação, sem ter tirado o lenço da algibeira, sem saudade, sem remorso, sem pena, e olhar pelo vidro da porta o cais vazio, com o relógio a marcar uma hora que já não é a tua. Não penses na bagagem que ninguém recolherá na gare de uma cidade onde não irás nunca: o que arrumaste lá dentro deixou de pertencer-te. Pertence-te esta tarde de Lisboa, pode ser que algum pombo, alguma estátua, o rio. Mete a mão no bolso e deita fora a chave da tua casa, o bilhete de identidade, a agenda dos telefones, o retrato dos teus filhos, a factura da electricidade em atraso que devias pagar: o teu passado foi-se embora, a tua mulher foi-se embora, o teu emprego foi-se embora, deixaste de existir na véspera, deixaste de pensar em amanhã. No bar da estação assistes ao próximo comboio, é às nove. Esperam-te para jantar? Colocaram o teu prato, o teu copo, os teus talheres na mesa? O teu...

picam? Não te inquietes com o jantar nem com o remédio: não é a ti que esperam. Não te chamas nada, foste-te embora, as gaiotas e as pessoas não te dão atenção, nenhum mendigo, nenhum cachorro te fareja. Se te cumprimentarem não respondas, se te perguntarem seja o que for diz

– Não sei  
ou inventa uma língua para dizer

– Não sei  
por exemplo

– Vlkab

ou

– Tjmp

e mostra-lhes o rio com o indicador. Depois começa a caminhar na direcção da água, onde já não te seja possível escutar os comboios, nem os automóveis, nem as pessoas para trás de ti, demasiado longe agora, nem os morcegos a perseguirem-te nas lâmpadas dos candeeiros. É a hora em que passava o último autocarro na rua onde moraste, na rua onde o que tinha o teu nome morou. Número quarenta, primeiro andar direito, uma arca de cânfora à entrada com um espelho que pertenceu à tua mãe por cima. Falta um pedaço na moldura de talha, mas é nele que os rostos antigos se observam de tempos a tempos, surpreendidos por haverem morrido. Debruça-te da muralha para o rio e não verás ninguém: o comboio levou-te. Se calhar um telefone, se calhar um colega a interessar-se por ti, se calhar o teu filho mais velho lá em baixo, na esquina, porque pode ser que um táxi, pode ser que tu, um serão no escritório, um amigo da tropa, a consulta no médico que acabou mais tarde, a tua mulher entre o patamar e a janela, qualquer coisa como uma lágrima, um soluço de choro: não oiças. Ouve a água do Tejo sem ver a água do Tejo na sua moldura de talha a que falta um pedaço, o que te dá ideia de um cesto ou uma bota à deriva, um reflexo qualquer mas de quem? Diz

– Vlkab

diz

– Tjmp

é a única língua que verdadeiramente conheces. Lembras-te do teu pai no quintal? Aquele defeito no polegar, a cicatriz no pulso? De fumares às escondidas atrás da capoeira? De roubares ovos para os venderes na loja? O gato de faiança? O gato verdadeiro, só pupilas e cauda? O teu passado foi-se embora, não te recordas de nada, nada disso existiu e é noite. Diz

– Boa noite a todos

diz

– Fcdnqr

o Tejo entende. E depois, a pouco e pouco, desce para ele. Repara: a arca de cânfora, o espelho por cima. Na arca os lençóis do enxoval, no espelho os rostos antigos que te aguardam. És um deles, foste sempre um deles. Quando a tua mulher ou os teus filhos passarem na entrada encontrar-te-ão ali, entre um cesto e uma bota à deriva, e saberão que voltaste. E por saberem que voltaste a tua boca, sob a água, principia a sorrir.



## EM CASO DE ACIDENTE

Hoje estava capaz de me ir embora: pegar nas chaves do carro sem motivo nenhum

(as chaves estão sempre no prato da entrada)

descer as escadas

(não descer pelo elevador, descer as escadas)

até à garagem da cave, ver o fecho eléctrico abrir-se com dois estalos e dois sinais de luzes, ver a porta automática subir devagarinho e, logo na rua, acelerar o mais depressa possível, queimando semáforos na direcção da auto-estrada, sem ligar aos painéis que indicam as cidades e a distância em quilómetros, sem uma ideia na cabeça, sem destino, sem mais nada para além desta pressa de me ir embora, colocar entre mim e mim o maior espaço possível, esquecer-me do meu nome, dos nomes dos meus amigos, da minha família, do livro que não acabo de escrever e me angustia. Parar num desses restaurantes à beira das portagens e comer sozinho, sem olhar para ninguém, sem ver ninguém nem sequer aquelas crianças que correm aos gritos entre

pequeno, segurava o guiador da bicicleta enquanto o meu pai, correndo ao meu lado, me ensinava a pedalar.

Hoje estava capaz de me ir embora: as paredes da casa apertam-se, tudo me parece tão pequeno, tão inútil, tão estranho. Fazer romances. Publicá-los. Esperar meses pelo novo romance. Fazê-lo. Publicá-lo. Receber telefonemas do agente acerca de contratos, de traduções, de prémios. Receber as críticas da editora, longos cortejos de elogios sem nexos de quem não entendeu e louva sem haver compreendido. Ou então sou eu que não compreendo. De qualquer forma não leio o meu trabalho: limito-me a produzi-lo e, uma vez terminado, a minha cabeça gira na direcção do que vem a seguir. Abandonar todas essas páginas também. Hoje estou mesmo capaz de me ir embora antes que fique louco como os cães, correndo em círculos na noite. Se chegar à janela verifico que o frio humedeceu de orvalho as tampas dos caixotes do lixo e há apenas uma janela acesa num prédio lá em baixo. Dir-se-ia que mais ninguém senão eu continua vivo. Eu e o telefone que apesar de calado parece prestes a romper aos gritos. As minhas costelas respiram contra o vidro. No parque de estacionamento vazio em frente à casa um pombo morto. Ou uma gaivota. Um pássaro qualquer. As tampas dos caixotes do lixo reflectem os candeeiros em manchas coalhadas e fixas. Faço uma careta para mim mesmo nos caixilhos.

Hoje estava capaz de me ir embora. Metia todo o dinheiro da gaveta no bolso, deixava aqui a carteira, os documentos, os sinais de quem sou. Se me perguntarem o que faço responder que não tenho profissão. Sou apenas um homem num restaurante à beira de uma portagem, a mastigar calado. Pode ser que volte um dia, pode ser que não volte. O que dirá o editor francês, o editor alemão, o editor sueco? Cartas desesperadas do agente que nunca receberei, telegramas intactos na caixa do correio reclamando uma obra pela qual me pagaram e que deixei, incompleta, por alturas do penúltimo capítulo, por corrigir, por alterar. O que me rala? Lombadas e lombadas inúteis nas

agora: Felisberto Hernandez, William Gaddis, Eliseo Diego. Felisberto Hernandez e Eliseo Diego já morreram. Felisberto Hernandez toca piano na fotografia que dele tenho, Eliseo Diego fita-me de cachimbo na mão. Talvez, para além do dinheiro da gaveta, levasse comigo Felisberto Hernandez, um autor e peras. Ou Juan Benet. Podia lê-los enquanto mastigava. Eliseo Diego, que era poeta, não dá para restaurantes, exige uma intimidade de quando se está sem ninguém na sala. Compôs um poema muito curto sobre a avó dele, em que a avó pede que tapem os espelhos. Ir-me embora é como tapar os espelhos todos sobre mim. Hoje estava capaz de me ir embora. Sem espalhafato, sem conversas, sem explicações, sem essa espiadela de passagem que damos sempre a nós mesmos verificando se o cabelo está certo. Quando eu era um médico muito novo, tratei uma senhora de idade que estava a morrer. A meio da tarde perguntou-me:

– Não me acha um bocadinho cansada?

e na manhã seguinte vieram os homens da agência e colocaram-na no caixão. A filha contou-me que depois da pergunta

– Não me acha um bocadinho cansada?

a senhora de idade pediu um cálice de vinho do Porto às escondidas de mim. Metade derramou-se no pescoço mas a metade que engoliu animou-a. Era viúva há que tempos e não esperava grande coisa de ninguém. Se um dia voltar a Tomar levo-lhe uma garrafa de vinho do Porto à sepultura e deixo-lha sobre o mármore, no meio das jarrinhas de flores. Aproximo-me das janelas e lá estão as tampas dos caixotes do lixo húmidas de orvalho. As árvores do parque serenaram por fim. Ligo a televisão. Não entendo o que se passa no écran mas continuo a ver. Uma criança sorri-me do aparelho. Infelizmente o sorriso dura pouco tempo. Se calhar nem sequer um sorriso. Se calhar sou apenas eu que necessito de um sorriso. Há momentos na vida em que necessitamos tanto de um sorriso. À falta de melhor toco-me com o dedo no caixilho.



Espero por ti no meio das gaivotas

## ESPERO POR TI NO MEIO DAS GAIVOTAS

Por que motivo apenas te aproximas de mim quando queres fazer amor? No resto do tempo chegas do banco e és só jornal e calças no sofá, se tento falar-te o jornal treme de zanga, se tento mais um pouco, as pernas cruzam-se, impacientes, em sentido contrário, o sapato fica a dar e dar no vazio, toco-te e encolhes-te, faço-te uma festa no cabelo e a cabeça diminui de tamanho, arrepiada, um protesto ronca das notícias

– O que foi agora?

– Já nem se pode ler em paz?

– Fazes o favor de não me despentear?

jantas calado a rolar bolinhas de pão entre suspiros, desapareces antes que eu acabe de comer, nem uma palavra para a minha saia nova, uma pergunta sobre como me correu o dia nas Finanças, um beijo, ficas de mãos nos bolsos a olhar o prédio em frente, atiras o canal para o desporto quando começa a novela. aborreces-te do desporto, carregas no botão e reaparece a novela

– Olha essa porcaria à tua vontade

do já estou meia a dormir, o teu braço a arrepelar-me, o ombro que me aleija, uma vertigem rápida, um camião a abanar o prédio na rua, eu a fixar os números luminosos do despertador ao lado das tuas costas indiferentes, o que aconteceu, amor, para mudares assim tanto

(– Não mudei nada, que mania)

ao conhecermo-nos, há dez anos

minto

há onze anos, chegavas-te a mim embrulhado em vérias de timidez, a ensaboar as mãos, com o sorriso borboleteando em volta da boca sem se atrever a poisar

– Um dia destes convidado-a para um café, menina Clara

tão atencioso, tão terno, tão preocupado comigo, a notar quando eu mudava de brincos, de penteado, de anel

– Que bem que lhe fica a franja, menina Clara.

O meu pai simpatizou logo contigo por te levatares, com o tal sorriso a adejar, mal eu entrava na sala, o que aconteceu, amor, para mudares assim tanto

(– E ela a dar-lhe, que gaita)

descíamos para a muralha do rio, em novembro, com as gaivotas todas na praia, corríamos de mão dada a assustar os pássaros, achavas-me graça, achavas-me bonita, dizias que eu ficava linda a correr

– Parece mesmo uma gaivota, sabia?

que qualquer dia me escapava de ti, a bater as asas no rastro de um cargueiro turco, perguntavas-me ao ouvido, aflitíssimo, ansioso

– Nunca me deixa, pois não?

(– As fantasias que tu vais buscar, meu Deus)

apertavas-me tanto pela cintura que quase não conseguia respirar, por favor explica-me o que fiz de mal para mudares assim tanto, ainda sou capaz de correr da mesma maneira se voltarmos à praia em novembro, que é feito do teu sorriso e do ensaboar das mãos, ponho um baton diferente, a blusa decotada, os sapatos que nunca me atrevi a usar para os homens não se meterem comigo na avenida

– Ainda há quem me ache engraçada, sabias?

(– Pois que lhes faça muito bom proveito)

desço lá abaixo à muralha e fico no meio das gaivotas à espera que chegues

(– Agora deste em maluca ou quê?)

sem jornal, sem canetas, sem bolinhas de pão, a convidares-me, nervoso, para um café na esplanada, soprando pelo meio do sorriso que não pára, que não pára

– Apetece-me tanto dar-lhe um beijo, Clarinha

(– As parvoíces que a gente diz em novo, senhores)

e nisto, não sei se deste conta, as gaivotas sumiram-se todas e ficámos sozinhos, amor, só a praia e as ondas e eu tão contente, tão com a certeza

ainda tenho a certeza

(– Cada qual tem as certezas que quer)

de sermos felizes para sempre, de podermos ser felizes se um dia me deixares

deixas não deixas, aposto que deixas

(– Que teimosia, que insistência, já é cisma, caramba) abraçar-te.



## SUGESTÕES PARA O LAR

Os domingos cinzentos desbotam para dentro de nós: a luz do candeeiro doente, uma chuva doente, sons em bicos de pés numa cerimónia de velório. A alma molhada e cabisbaixa como um cão. Vontade de revistas velhas, livros antigos, jornais da semana que passou. Os cheiros mais presentes: o do tapete, o da roupa nas gavetas, o do almoço dos vizinhos no patamar. As laranjas da fruteira tentam em vão inaugurar a manhã. Vontade de mantas nos joelhos, uma paciência de cartas, Chopin em discos de setenta e oito rotações, com os saltos da agulha a fazerem parte da música: a cada voltinha um soluço rachado aumentando a melancolia do piano. Lembrança de bules chineses, de velhos açucareiros de prata no armário com portinhas de vidro. As fotografias tão direitas, tão hirtas, uma menina de laçarote, um tio antigo, de bibe, a segurar o guiador da bicicleta. Em cada prega da cortina uma testa espantada. Almofadas de cetim com claves de sol bordadas. Receitas de cozinha que se colaram em cadernos. Tisanas com vago sabor de nomes de primas remotas: macela, lúcia-lima! Não fazia grande diferença morrer por-

A água do solitário enferrujada. Não fazia grande diferença morrer. Não fazia?

A água do solitário que a flor oxida, uma mala de viagem esquecida sob a cama: rótulos de hotéis franceses, um jogo de escovas presas com elásticos. Problemas de palavras cruzadas resolvidos a lápis, o sete horizontal

Afluyente do Amazonas

em branco. Saudades de pão-de-ló, de torradas, de biscoitos desfeitos em migalhas nos dedos. Fósforos queimados no cinzeiro. Pratas de chocolate no compêndio de História, lilases, prateadas, azuis. A tábua de passar aberta na marquise, com um cesto de roupa em cima. Molas de plástico na corda de secar. As cadeiras austríacas em torno da mesa, à espera. Herdadas da menina de laçarote, do tio da bicicleta? Selos em envelopes de plástico, restos de um passado filatélico. Congo, Uruguai, Sudão, bichos estranhos, rainhas de perfil. Frascos que não se percebe o que tiveram e é melhor não tocar. As compotas alinhadas na despensa. Afluyente do Amazonas, cinco letras. Ninguém sabe. De quando em quando uma interrupção na chuva, pessoas que sacodem as sombrinhas. O rapaz das pizzas apeia-se da motoreta, avança com uma caixa de cartão, vemos-lhe o capacete, o braço estendido para a campainha do prédio. O filho da porteira aproxima-se numa admiração invejosa. Costuma saltar ao pé coxinho no umbral. A porteira ralha-lhe por fazer chichi nas plantas do átrio. De vez em quando muda de pé e continua a saltar. As plantas tresandam a amoníaco. Um dos olhos do apreciador de motoretas desvia-se para dentro, apesar da pala na lente esquerda dos óculos. Quando a mãe se zanga mastiga o polegar, o olho errado torna-se pensativo e adulto. Deve ter nascido antes e ficado à espera que o resto da cara aparecesse. Andou à procura, entre a sobrancelha e o nariz, até achar um lugar. O filho da porteira chama-se Artur, um nome mais idoso que ele, contemporâneo do olho. Artur não sei porquê lembra-me os passos das Caldas de

Rainha. No edifício em frente a Clínica Dentária, a cadeira na penumbra, isolada e majestosa como uma cadeira eléctrica. O tamanho do jipe do dentista aumenta todos os anos: deve bendizer as cáries. Tem um cão que partilha o gosto clandestino do Artur pelos vasos de flores, alçando a perna numa delicadeza de mindinho enquanto o dentista escarafuncha, mascarado para não ser reconhecido pelas vítimas:

– Foi você que me brocou o molar  
e a mãozinha no peito, inocentíssima  
– Eu?

Acho que vou para o umbral saltar ao pé coxinho. Afluyente do Amazonas, cinco letras. Tento não ler as soluções, ao contrário, no ângulo da página, tapo-as com a manga, penso, destapo-as: é difícil decifrar o tamanho dos caracteres. Passos de criança no andar de cima, um homem que grita

– Cala-te

um banco desmedido a tombar no silêncio. O horóscopo recomenda-me: atenção ao fígado. Tomo atenção ao fígado, tento escutá-lo. Deveria dar-lhe o braço, interessar-me pela sua vida? Amuado e teimoso, o fígado cala-se. Se calhar foi-se embora, se calhar está com o filho da porteira a invejar a motoreta. Ou à roda das plantas, à espera. Não vale a pena inquietar-me: costuma vir ter comigo à hora de comer. Tornei-me um soneto de almanaque, uma folha seca num álbum, a água do solitário enferrujada. Não fazia grande diferença morrer. Não fazia. Não fazia?



## RECEITA PARA ME LEREM

Sempre que alguém afirma ter lido um livro meu fico decepcionado com o erro. É que os meus livros não são para ser lidos no sentido em que usualmente se chama ler: a única forma

parece-me

de abordar os romances que escrevo é apanhá-los do mesmo modo que se apanha uma doença. Dizia-se de Bjorn Borg, comparando-o com outros tenistas, que estes jogavam ténis enquanto Borg jogava outra coisa. Aquilo a que por comodidade chamei romances, como poderia ter chamado poemas, visões, o que se quiser, apenas se entenderão se os tomarem por outra coisa. A pessoa tem de renunciar à sua própria chave

aquela que todos temos para abrir a vida, a nossa e a alheia

e utilizar a chave que o texto lhe oferece. De outra maneira torna-se incompreensível, dado que as palavras são apenas signos de sentimentos íntimos, e as personagens, situações e intriga os pretextos de superfície que utilizo para conduzir ao fundo avesso da alma. A verdadeira aventura que proponho é aquela que o narrador e o leitor fazem

Quem não entender isto aperceber-se-á apenas dos aspectos mais parcelares e menos importantes dos livros: o país, a relação homem-mulher, o problema da identidade e da procura dela, África e a brutalidade da exploração colonial, etc., temas se calhar muito importantes do ponto de vista político, ou social, ou antropológico, mas que nada têm a ver com o meu trabalho. O mais que, em geral, recebemos da vida, é um conhecimento dela que chega demasiado tarde. Por isso não existem nas minhas obras sentidos exclusivos nem conclusões definidas: são, somente, símbolos materiais de ilusões fantásticas, a racionalidade truncada que é a nossa. É preciso que se abandonem ao seu aparente desleixo, às suspensões, às longas elipses, ao assombrado vaivém de ondas que, a pouco e pouco, os levarão ao encontro da treva fatal, indispensável ao renascimento e à renovação do espírito. É necessário que a confiança nos valores comuns se dissolva página a página, que a nossa enganosa coesão interior vá perdendo gradualmente o sentido que não possui e todavia lhe dávamos, para que outra ordem nasça desse choque, pode ser que amargo mas inevitável. Gostaria que os meus romances não estivessem nas livrarias ao lado dos outros, mas afastados e numa caixa hermética, para não contagiarem as narrativas alheias ou os leitores desprevenidos: é que sai caro buscar uma mentira e encontrar uma verdade. Caminhem pelas minhas páginas como num sonho porque é nesse sonho, nas suas clarezas e nas suas sombras, que se irão achando os significados do romance, numa intensidade que corresponderá aos vossos instintos de clareza e às sombras da vossa pré-história. E, uma vez acabada a viagem

e fechado o livro

convalesça. Exijo que o leitor tenha uma voz entre as vozes do romance

ou poema, ou visão, ou outro nome que lhes apeteça dar

a fim de poder ter assento no meio dos demónios e dos anjos da

limita-se a ser

uma leitura, não uma iniciação ao ermo onde o visitante terá a sua carne consumida na solidão e na alegria. Isto não se torna complicado se tomarem a obra como a tal doença que acima referi: verão que regressam de vocês mesmos carregados de despojos. Alguns quase todos

os mal entendidos em relação ao que faço, derivam do facto de abordarem o que escrevo como nos ensinaram a abordar qualquer narrativa. E a surpresa vem de não existir narrativa no sentido comum do termo, mas apenas largos círculos concêntricos que se estreitam e aparentemente nos sufocam. E sufocam-nos aparentemente para melhor respirarmos. Abandonem as vossas roupas de criaturas civilizadas, cheias de restrições, e permitam-se escutar a voz do corpo. Reparem como as figuras que povoam o que digo não são descritas e quase não possuem relevo: é que se trata de vocês mesmos. Disse em tempos que o livro ideal seria aquele em que todas as páginas fossem espelhos: reflectem-me a mim e ao leitor, até nenhum de nós saber qual dos dois somos. Tento que cada um seja ambos e regressemos desses espelhos como quem regressa da caverna do que era. É a única salvação que conheço e, ainda que conhecesse outras, a única que me interessa. Era altura de ser claro acerca do que penso sobre a arte de escrever um romance, eu que em geral respondo às perguntas dos jornalistas com uma ligeireza divertida, por se me afigurarem supérfluas: assim que conhecemos as respostas, todas as questões se tornam inimportantes. E, por favor, abandonem a faculdade de julgar: logo que se compreende, o julgamento termina, e quedamo-nos, assombrados, diante da luminosa facilidade de tudo. Porque os meus romances são muito mais simples do que parecem: a experiência da antropofagia através da fome continuada, e a luta contra as aventuras sem cálculo mas com sentido prático que os romances em geral são. O problema é faltar-lhes o essencial: a intensa dignidade de uma criatura inteira. Faulkner, de

uma muito bela coisa: faz os homens caminharem sobre as patas traseiras e projectarem uma enorme sombra. Peço-lhes que dêem por ela, compreendam que vos pertence e, além de compreenderem que vos pertence, é o que pode, no melhor dos casos, dar nexa à vossa vida.



## JÁ NÃO TENHO IDADE PARA ESTAS COISAS

Sobre a minha cabeça os pombos na clarabóia. As patas nítidas no vidro sujo, a sombra dos corpos, senhores nédios à espera, de um lado para o outro, numa plataforma de estação, de um amigo que não chega. Ainda nem há um mês me sentava todas as tardes no murinho junto ao qual a camioneta da carreira vem buscar as pessoas que voltam a Lisboa. A três metros, o quiosque e uma cadeira com uma chaga na anca: às vezes aproximava-se de mim, a murmurar. Aqui, longe do quiosque, os pombos vão-se embora com o aproximar da noite. Ainda existirá a cadeira, o quiosque? Quando eu era criança diziam-me:

– Toma atenção à sétima onda. A sétima onda é diferente das outras.

Nunca soube entender qual era a sétima onda, a diferente das outras. O que lembro melhor são as manchas das nuvens na água. Ou bancos de algas. O banheiro de mão em pala na testa, prolongando a boina branca. Vozes. Agora eis-me surdo à esquerda, do lado do coração. Nenhum pombo à espera. Na cadeira acolá um boneco sem



## FERIADO

Olho pelas janelas e casas. Tudo quieto e casas, os automóveis arrumados contra as casas, o quiosque fechado. Algumas das varandas com trepadeiras, flores, uma senhora que me observa um instante e se desinteressa de mim. À noite salas de jantar iluminadas, candeeiros, quadros, uma criança a espalmar autocolantes num vidro, o homem dos bigodes brancos lá em baixo, a conversar com uma pessoa que não consigo ver, a furgoneta dos ciganos na praceta. O meu marido vira a página do jornal.

Deixo de olhar pela janela e sento-me no sofá, no meu lugar. O lugar do meu marido é na poltrona, que principia a tomar a forma do seu corpo. Não me recordo quem a ofereceu: os meus sogros, o padrinho dele, o amigo da fábrica de móveis? O meu filho ao telefone num zumbido, de costas para nós. Dentro de dez minutos vai pedir-nos o jipe emprestado ou antes não pede nada, exhibe a chave a anunciar

– Até logo

com o boné de pala para trás. Estou farta de dizer que com o

responder-me em silêncio que quem tem cara de parva sou eu. É possível: o meu cabeleireiro está doente e a substituta arranjou-me um penteado de bibliotecária. Se usasse óculos e sapatos de atacadores pediam-me livros emprestados na rua. (Perguntei ao meu marido o que ele achava: mirou-me um segundo e virou outra página do jornal.)

Devemos ser felizes, acho eu: temos este apartamento e o apartamento do Algarve, para o ano compramos um barco um bocadinho maior, com dois beliches em lugar de um e uma cozinha do tamanho de uma caixa de fósforos. O meu marido garantiu-me que manda pintar o meu nome no casco. Volta e meia tem de ir a Londres em viagem e traz sempre dois frascos de perfume. Oferece-me um deles. O outro destina-se ao sócio fazer uma surpresa à mulher. Todos os meses o meu marido ajuda o sócio a fazer uma surpresa à mulher mas nunca dei pela mulher usar aquele perfume. Quem cheira como eu é a estagiária mais nova do escritório. Quando disse isto o meu marido respondeu que eu era paranóica e pediu-me uma caneta para resolver o problema de bridge do jornal. Por coincidência, nas festas da empresa, a estagiária mais nova usa vestidos do género dos meus e um anel parecido com o que recebi nos anos. Mas que eu saiba não tem o nome em nenhum barco. Talvez quando tivermos um com quatro beliches e uma cozinha do tamanho de três caixas de fósforos. O meu marido tornou a chamar-me paranóica e avisou-me que, por minha causa, não conseguia resolver o problema de bridge do jornal.

Devemos ser felizes, não: somos felizes: não discutimos, o meu filho, até agora, não se suicidou no jipe, a minha sogra jura que me adora, o meu sogro pôs a quinta em nosso nome. Tem uma capela com um sino. Puxa-se uma corda e o sino desata a balir. O meu sogro adora aquele sino: sempre que lá vamos chama-me

– Olhe Luísa

e agarra-se à corda numa chinfrineira que me dá vontade de esganá-lo. Não esganá-lo de repente: pedir

Olhe vizinho

e atirar-lhe as mãos ao pescoço, apertando devagar, até o velho largar a corda de vez, roxo e de língua de fora. Podemos utilizar a capela para a missa de corpo presente. Dormem todos cá e a seguir ao enterro fazemos um piquenique em Santarém. Aposto que a estagiária mais nova traz uma pulseira igual à minha.

Portanto somos felizes: no verão quinze dias na quinta e quinze dias no Algarve, os amigos, o sócio e a mulher, a outra estagiária que se parece com a mulher do sócio no relógio e no colar, o meu filho de boné com a pala para trás a dar chapões na água e a molhar-nos a todos, o meu marido sempre com sono à noite

– Tenho sono Luísa

dá-me ideia que a perna do sócio e a perna da outra estagiária a entenderem-se sob a mesa do bridge, claro que se lhe contasse ele logo

– Paranóica

claro que se contasse à mulher do sócio ela

– Estás a falar de mim ou de ti?

O que é idiota porque somos felizes, o meu marido e eu somos felizes, ninguém tem sono todas as noites durante dois meses seguidos, um dia destes

– Chega aqui Luísa

um dia destes

– Precisamos de ter uma conversinha Luísa

um dia destes só um frasco de perfume no regresso de Londres, só um par de brincos, só um anel, o meu cabeleireiro curado, o meu filho com a pala para a frente, o jipe quietinho na garagem, o meu marido a levantar-se da poltrona e a sentar-se no sofá comigo

– Precisávamos de uma segunda lua-de-mel Luísa

e vamos tê-la, claro que vamos tê-la, compras em Paris, um fim-de-semana em Madrid, um costureiro onde ninguém me copie os vestidos, a estagiária mais nova na filial de Milão, amo-te Luísa, estás tão bonita como quando te conheci Luísa, excitas-me tanto Luísa, de

lhe der na gana sem lhe atirar as mãos ao pescoço, a concordar com o velhote, a aprovar

– Lindo sino, paizinho

e deixar de olhar as casas pela janela, tudo quieto e casas, os automóveis arrumados contra as casas, o quiosque fechado, algumas das varandas com trepadeiras, flores, uma senhora que me observa um instante e se desinteressa de mim enquanto o meu marido indiferente, lá longe, tão longe que não consigo alcançá-lo, vira a página do jornal.



## ESTA MANEIRA DE CHORAR DENTRO DE UMA PALAVRA

Em 1971, em Angola, depois de uma acção de pirataria (pirataria era os helicópteros sul-africanos deixarem a tropa a quatro metros do chão, saltar-se lá para baixo e destruir tudo)

fiquei com uma menina kamessekele que sobrou, não sei como, daquela benfeitoria. Os kamessekeles são um povo amarelado que se exprime numa espécie de estalinhos da língua e sons vindos do fundo da garganta. A menina devia ter cinco ou seis anos, o cabelo ruivo da fome e empurrava adiante de si uma barriga imensa. Viveu comigo algum tempo, na enfermaria que era uma casa em ruína num sítio chamado Chiúme. A barriga diminuiu e o cabelo tornou-se escuro. Dentro do arame farpado, para onde quer que eu fosse, vinha atrás de mim. Um dia, ao voltar da mata, não a encontrei. Não me deram explicação alguma. Para quê? As coisas passavam-se dessa forma e acabou-se. Mas demorei tempo a esquecê-la e ainda me lembro dos seus olhos que não exprimiam nada. Se calhar os meus olhos também não exprimiam nada. O que poderiam exprimir? Visitávamos o barraco onde os caixões esperavam e perguntávamos

Não deitados, caixões de pé contra a parede, todos iguais. Também me lembro do sopro do maçarico ao soldá-los, o que se fazia o mais cedo possível dado que os mortos apodrecem depressa naqueles lugares de calor. Perguntávamos

– Qual vai ser o meu?

e no dia seguinte os helicópteros de novo. Uma ocasião trouxeram uma mulher grávida. Um oficial que andava connosco nessa altura empurrou a mulher para o armazém dos caixões e, à minha frente, obrigou-a a colocar um dos pés sobre uma urna e penetrou-a sem baixar as calças, abrindo a breguilha apenas. Noutra ocasião apanhou-se um guerrilheiro só com uma perna. Para ali estava, sentado no chão, de pedaço de corda amarrado ao pescoço. Isto foi em Gago Coutinho. Quando se saía, colocava-se o inimigo no guarda-lamas do rebenta-minas e ele gritava de pavor o tempo inteiro. Desapareceu também. Tudo era muito atreito a desaparecer nessa época, tirando aqueles que o chefe da Pide enforcava numa árvore e lá ficavam. Também me lembro dos pés dos enforcados mas não de uma forma tão clara. Isto foi numa aldeia chamada Chiquita. O chefe da Pide de Gago Coutinho, em contrapartida, era mais civilizado: preferia aplicar choques eléctricos nos testículos e num gesto de simpatia convidou-me a assistir. Esse acto designava-se por reeducação. Se um reeducado morria enterrava-se em cima de uma prancha. Tudo estava reduzido a pontos: uma arma apreendida tantos pontos, um canhão sem recuo tantos pontos, um inimigo tantos pontos. No caso de conseguirmos um certo número de pontos mudavam o batalhão para um lugar mais calmo, e foi quando nos mudaram para um lugar mais calmo, sem guerra, que os soldados principiaram a suicidar-se. Uma noite entrei no lugar dos beliches. Um cabo na cama de cima encostou a G3 à base do queixo, disse

– Até logo

e disparou. Em Marimbanguengo. Bocados de miolos e de osso espalmaram-se no zinco do tecto e ele durou três horas, sem metade

– Até logo

e do disparo, mas houve tantos disparos em Angola que talvez o que lembro não fosse o dele. Tantos disparos como os ruídos das folhas dos eucaliptos de Cessa. Em Marimba um dos lavadeiros roubou uma camisa a um alferes. Os lavadeiros teriam quinze anos se tanto. Então estenderam-nos lado a lado e deixaram-lhes cair brasas de cigarro em cima. Isto sucedeu pouco antes de nos irmos embora para Portugal. Visto que ficamos cheios de marcas e de pústulas pediu-se conselho a um agente da Pide que solucionou o problema depois de repreender brandamente o alferes sugerindo-lhe que daí em diante fizesse as coisas como deve ser. A semana passada um homem procurou-me no hospital. Trabalhava com o rádio e foi ele quem me anunciou o nascimento da minha filha, que só vários meses depois encontrei. O rádio tinha sido um quase garoto então, e dei com um quase velho. Mostrou-me o retrato do último jantar da Companhia. Quase velhos todos, impossíveis de reconhecer na sua quase velhice. Ele apontava-os e dizia-me os nomes, o furriel Este, o sargento Aqueloutro, a estudar o retrato com ternura. Entre eles, acho eu, o maqueiro com quem dei na picada a segurar os intestinos nas mãos e a estender-mos numa espécie de oferenda. Observei o furriel Este e o sargento Aqueloutro. Aí estavam a sorrir, quase velhos, quase alegres, agarrando-se pelos ombros e no entanto deu-me a impressão que os olhos deles continuavam a não exprimir nada, conforme os olhos da menina kamessekele não exprimiam nada. Ou se calhar os olhos dos quase velhos exprimiam. Eram brancos, não pretos, e o facto de não exprimirem nada pode muito bem ter sido defeito do fotógrafo.



## SÁBADO À NOITE É A NOITE MAIS TRISTE DA SEMANA

Graças a Deus tenho imensos amigos que desde a separação se preocupam comigo, me telefonam, me convidam para o cinema, para jantar, para concertos, me tocam à porta se me julgam sozinha, me enchem a sala de risos e fumo de modo que depois, ao saírem, me basta despejar os cinzeiros, levar os copos para a cozinha, abrir a janela derivado ao cheiro do tabaco, endireitar os tapetes, apagar a luz, e ficar na poltrona a olhar os prédios fronteiros, de joelhos contra a boca enquanto a manhã, o que deve ser a manhã, me ajuda a descobrir na alcatifa o círculo negro de uma nódoa e no espelho marroquino qualquer coisa na minha cara a que me agradaria chamar um sorriso, qualquer coisa na minha cara a que chamo um sorriso. Como graças a Deus tenho imensos amigos claro que é um sorriso. Além do mais sou alegre, gosto de viver, nunca precisei de pastilhas contra a tristeza para nada, se por acaso ninguém pode vir tenho a minha música, os meus livros, cartas a que devia ter respondido há séculos, envelopes de fotografias à espera que as coloque no álbum, no lugar de onde tirei as do meu marido, nós dois na praia, nós dois em Madrid, nós dois já calados como nos últimos meses de ab...

rente, ele distante, saí de casa mais cedo para que fizesse a mala à vontade, ao fim da tarde nem uma camisa na gaveta, nem sequer o cheiro dele, nem um bilhete, nada, andei no corredor um bocadinho a abrir armários, pensei que dali a nada voltava, tive saudades, apeteceu-me chorar mas graças a Deus tenho imensos amigos, sou alegre, nunca precisei de pastilhas contra a tristeza para nada, de forma que pus um disco na aparelhagem e comi na cozinha, o apartamento tão quieto, ninguém a mudar-me o canal da televisão e a deixar-me a tampa da sanita para cima, a roubar-me metade dos lençóis, nenhum floco de espuma de barbear no lavatório, tudo limpo, arrumado, uma paz de câmara mortuária, as duas mesas de cabeceira para mim, lugar de sobra para os meus vestidos de verão, a cova no sofá do corpo dele e eu com vontade de afagar a cova e nisto, felizmente, a campainha da porta e dois amigos meus e risos e fumo uma, por assim dizer, melancolia que passa depressa, logo ao segundo uísque, levada por uma anedota ou os bilhetes para um concerto no sábado que me apetece imenso, música brasileira ótimo, depois do concerto uma discoteca, um bar, as atenções do amigo de um amigo a tratar-me como o meu marido não me tratava, acender-me os cigarros, achar as minhas opiniões interessantíssimas, acompanhar-me até aqui, explicar-lhe que estou cansada, tenho sono, talvez outro dia, tirar-lhe delicadamente a mão do meu joelho, virar um tudo nada a cara à despedida para que não me beije na boca, limpar a bochecha com as costas da mão sem que ele veja, descalçar-me no elevador porque me dói o pé, instalar-me na cova do sofá maior do que eu ao lado da cova do meu tamanho, lembrar-me que amanhã é domingo, um almoço em Tróia, as crianças dos outros a pedirem gelados, maridos iguais ao meu de nariz no jornal, chegar à varanda e o silêncio da rua, uma enfiada de automóveis parados, uma enfiada de árvores, um cão a farejar pneus e a desaparecer numa esquina, agrada-me este bairro com tudo pertíssimo até o cabeleireiro, o homem do talho conhece-me de pequena

a minha tia, quase da minha idade, mora na praceta acolá, falamos imenso, damo-nos lindamente, ela separada também e ainda bonita, um senhor casado visita-a à tarde a olhar à volta antes de entrar no prédio, agrada-me este bairro com tudo pertíssimo, supermercado, lojas, correio, repartição de finanças, a esquadra da polícia, tudo pertíssimo excepto o meu marido, não é que me faça falta, não é que precise dele, estou satisfeita assim, despejo os cinzeiros, levo os copos para a cozinha, abro a janela derivado ao cheiro do tabaco, meto os joelhos à boca e fico aqui à espera que o amigo de um amigo, que o telefone, que a porta, com ganas de farejar os pneus dos carros e me sumir numa esquina.